

Franz Kafka

UM ARTISTA DA FOME / A CONSTRUÇÃO



TRADUÇÃO DE MODESTO CARONE



COMPANHIA DAS LETRAS

FRANZ KAFKA

UM ARTISTA DA FOME
E
A CONSTRUÇÃO

Tradução e posfácio:
MODESTO CARONE



COMPANHIA DAS LETRAS

ÍNDICE

Um artista da fome

Primeira dor

Uma mulher pequena

Um artista da fome

Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos

A construção

Posfácio, Modesto Carone

UM ARTISTA DA FOME

PRIMEIRA DOR

Um artista do trapézio — como se sabe, esta arte que se pratica no alto da cúpula dos grandes teatros de variedades é uma das mais difíceis entre todas as acessíveis aos homens — tinha organizado sua vida de tal maneira, primeiro pelo esforço de perfeição, mais tarde pelo hábito que se tornou tirânico, que enquanto trabalhava na mesma empresa permanecia dia e noite no trapézio. Todas as suas necessidades, aliás bem ínfimas, eram atendidas por criados que se revezavam, vigiavam embaixo e faziam subir e descer, em recipientes construídos especificamente para esses fins, tudo o que era preciso lá em cima. Esse modo de viver não causava aos outros dificuldades especiais; era apenas um pouco incômodo que durante os demais números do programa ele ficasse lá no alto, o que não se podia ocultar: apesar de, nesses momentos, na maioria das vezes se conservar quieto, de quando em quando um olhar do público se desviava para ele. Mas os diretores o perdoavam por isso porque era um artista extraordinário e insubstituível. Além do que admitia-se com naturalidade que ele não vivia assim por capricho e que só podia preservar a perfeição da sua arte mantendo-se em exercício constante.

De mais a mais, lá no alto também era saudável, e quando nas épocas mais quentes do ano eram abertas as janelas laterais em toda a extensão da cúpula e junto com o ar fresco o sol entrava poderoso no espaço crepuscular, então era até bonito lá em cima. Sem dúvida seu convívio humano estava reduzido; só uma vez ou outra um colega de acrobacia subia até ele pela escada de corda; então os dois se sentavam no trapézio, inclinavam-se à esquerda e à direita sobre as cordas de sustentação e proseavam. Ou então os operários que consertavam o teto trocavam algumas palavras com ele através de uma janela aberta; ou o bombeiro examinava a iluminação de emergência na galeria superior e lhe gritava algo respeitoso mas pouco inteligível. De resto o silêncio o cercava; algumas vezes um funcionário qualquer, que porventura errava à tarde pelo teatro vazio, erguia o olhar para a altura — que quase fugia à vista — onde o artista do trapézio, sem poder adivinhar que alguém o observava, exercia sua arte ou

descansava.

O trapezista teria assim podido viver tranqüilamente, não fossem as inevitáveis viagens de lugar em lugar que lhe eram extremamente molestas. É verdade que o empresário providenciava para que ele ficasse a salvo de qualquer prolongamento desnecessário desses sofrimentos: para as viagens nas cidades usavam-se automóveis de corrida com os quais se disparava, se possível à noite ou de madrugada, pelas ruas desertas na mais alta velocidade, que certamente era muito lenta para a nostalgia do artista do trapézio; no trem era reservado todo um compartimento onde ele passava a viagem na rede destinada à bagagem, numa substituição lamentável mas ainda possível da sua maneira habitual de viver; no local da apresentação seguinte o trapézio já estava colocado no teatro muito antes da chegada do artista; mantinham-se também abertas todas as portas que davam para o palco e livres todos os corredores. Mas os momentos mais belos na vida do empresário eram sempre aqueles em que o artista punha o pé na escada de corda e finalmente, num instante, estava de novo pendurado no alto do seu trapézio.

Por mais bem-sucedidas que essas viagens fossem para o empresário, cada nova excursão lhe era penosa, pois a despeito de tudo perturbavam seriamente os nervos do trapezista.

Certa vez em que ambos viajavam juntos — o trapezista sonhando na rede da bagagem e o empresário no canto da janela lendo um livro — o artista do trapézio dirigiu-se a ele em voz baixa. O empresário deu-lhe imediatamente atenção. O artista disse, mordendo os lábios, que de agora em diante ele ia precisar para a sua acrobacia sempre de dois trapézios ao invés de um — dois trapézios, um em frente ao outro. O empresário concordou rapidamente. Mas, como se estivesse querendo mostrar que a anuência do empresário tinha aqui tão pouco sentido quanto a sua negação, o artista acrescentou que nunca mais e em circunstância alguma trabalharia com apenas um trapézio. Parecia estremecer só com a idéia de que isso acontecesse outra vez. Hesitante, o empresário observou o trapezista e se declarou novamente de pleno acordo com o fato de que dois trapézios eram melhor que um; além disso essa nova disposição apresentava a vantagem de tornar o número mais variado. De repente o artista do trapézio começou a

chorar. Profundamente assustado, o empresário deu um salto e perguntou o que havia acontecido; por não receber resposta, subiu no assento, acariciou-o e apertou o rosto dele contra o seu, de tal modo que as lágrimas do trapezista lhe escorreram sobre a pele. Mas só depois de muitas perguntas e palavras de carinho o artista do trapézio disse soluçando: “Só com esta barra na mão, como é que posso viver?”. Agora era mais fácil para o empresário consolar o artista; prometeu telegrafar da primeira estação para o lugar da apresentação seguinte, pedindo o segundo trapézio; censurou-se por ter deixado o trapezista trabalhar tanto tempo com apenas um trapézio, agradeceu-lhe e elogiou-o muito por ter afinal chamado sua atenção para o erro. Foi assim que o empresário pôde aos poucos acalmar o artista e voltar ao seu canto. Mas ele mesmo não estava tranquilo e com grave preocupação examinava secretamente o trapezista por cima do livro. Se pensamentos como esse comessem a atormentá-lo, poderiam cessar por completo? Não continuariam aumentando sempre? Não ameaçariam sua existência? E de fato o empresário acreditou ver, no sono aparentemente calmo em que o choro tinha terminado, como as primeiras rugas começavam a se desenhar na lisa testa de criança do artista do trapézio.

UMA MULHER PEQUENA

É uma mulher pequena; embora esbelta por natureza, anda muito espartilhada; vejo-a sempre com o mesmo vestido, de um tecido cinza amarelado meio cor de madeira e guarnecido de borlas ou pingentes em forma de botões do mesmo tom; está sempre sem chapéu, seu cabelo loiro desbotado é liso e mantém-se muito fofo, mas não desordenado. Apesar do espartilho seus movimentos são ágeis, naturalmente ela exagera essa mobilidade, gosta de conservar as mãos nos quadris e vira a parte superior do corpo para o lado com um arremesso surpreendentemente rápido. Só posso reproduzir a impressão que sua mão me causa se disser que nunca vi nenhuma em que os dedos estivessem tão nitidamente separados uns dos outros; mas a mão dela não tem nenhuma peculiaridade anatômica, é completamente normal.

Ora, essa mulherzinha está muito insatisfeita comigo, sempre tem algo a censurar em mim, diante dela estou sempre errado e irrita-a a cada passo; se fosse possível dividir a vida em partes mínimas e cada partícula pudesse ser julgada em separado, certamente qualquer pedacinho da minha vida seria um aborrecimento para ela. Já

me perguntei várias vezes por que a exaspero tanto; pode ser que tudo em mim contrarie o seu sentido de beleza, o seu sentimento de justiça, os seus hábitos, as suas tradições, as suas esperanças; existem naturezas que se contradizem desse modo, mas por que ela sofre tanto com isso? Não há nenhuma relação entre nós que pudesse forçá-la a sofrer por minha causa. Ela só teria que se decidir a me ver como alguém completamente estranho, o que aliás sou: não me oporia a essa decisão, mas a receberia muito bem; ela teria apenas que se decidir a esquecer da minha existência, que eu por sinal nunca impus ou impor a ela — e todo o sofrimento sem dúvida acabaria. Faço aqui inteira abstração de mim mesmo e do fato de que seu comportamento evidentemente também me é penoso; ponho isso de lado porque reconheço que todo esse padecimento não é nada em comparação com a sua dor. No entanto estou bem consciente de que não se trata de um sofrimento amoroso da sua parte; ela não tem o menor empenho em

promover qualquer aprimoramento meu, tanto mais que tudo o que reprova em mim não é de natureza capaz de perturbar o meu progresso. Mas a minha evolução também não a preocupa; ela não se preocupa com outra coisa que não seja o seu interesse pessoal, isto é: vingar-se do tormento que provoço nela e impedir o tormento que, vindo de mim, a ameaça no futuro. Já tentei uma vez apontar-lhe o melhor caminho para pôr um fim a esse dissabor permanente, mas com isso levei-a a uma comoção tamanha que não repetirei mais a tentativa.

Existe também, se se quiser, uma certa responsabilidade minha, pois por mais alheia a mim que a mulherzinha seja, e por mais que a única relação que existe entre nós seja o desgosto que lhe causo — ou que ela faz com que eu provoque nela —, não me deveria ser indiferente o quanto, de modo visível, ela sofre até fisicamente com essa irritação. De vez em quando chegam-me notícias — que nos últimos tempos aumentaram — de que ela esteve outra vez pálida e tresnoitada pela manhã, torturada por dores de cabeça e quase incapaz de trabalhar; com isso atribula os seus familiares, volta e meia indaga-se sobre as causas do seu estado e até agora elas não foram encontradas. Só eu as conheço — é aquele antigo e sempre renovado aborrecimento comigo. Certamente não compartilho as preocupações dos seus familiares; ela é forte e tenaz; quem consegue irritar-se assim provavelmente pode superar também as seqüelas da irritação; suspeito até que ela — pelo menos em parte — só se põe doente para, desse modo, dirigir a suspeita do mundo contra mim. É orgulhosa demais para dizer abertamente como eu a mortifico com a minha existência; sentiria como uma degradação de si mesma apelar para os outros por minha causa; só se ocupa de mim por aversão — uma aversão que não cessa e que a instiga continuamente; comentar publicamente essa coisa impura seria demais para o seu pudor. Mas silenciar por completo uma questão que a oprime sem parar também é demais. Assim procura, na sua astúcia de mulher, um meio-termo; em silêncio, só pelos sinais exteriores de uma dor secreta, quer levar o assunto ao tribunal público. Talvez alimente até mesmo a esperança de que, quando o público me dirigir um olhar pleno, irá surgir um desgosto geral contra mim e ele me condenará, com os seus grandes meios de poder, de uma forma definitiva — mais forte e rápido do que é capaz sua irritação

privada, relativamente mais fraca; então ela se retiraria, respiraria aliviada e me voltaria as costas. Pois bem, se suas esperanças forem realmente estas, ela se engana. A opinião pública não assumirá o papel dela, jamais terá coisas tão infinitas a censurar em mim, mesmo que me coloque sob sua mais forte lente de aumento. Não sou uma pessoa tão inútil quanto ela acredita; não quero vangloriar-me, principalmente neste contexto; mas mesmo que eu não possa me destacar por uma utilidade especial, certamente não vou chamar a atenção pelo contrário; só para ela, para os seus olhos que quase irradiam chispas brancas, eu sou assim — e disso ela não poderá convencer mais ninguém. Poderia, pois, sentir-me completamente tranqüilo a esse respeito? Não, de modo algum; pois se realmente ficar conhecido que eu a deixo doente com o meu comportamento, e alguns observadores atentos — justamente aqueles que trazem as notícias com maior zelo — já estão a ponto de perceber isso ou pelo menos se apresentam como se o percebessem, e as pessoas vêm e me perguntam por que eu atormento a pobre mulherzinha com a minha incorrigibilidade; se porventura pretendo levá-la à morte e quando, afinal, vou ter o bom senso e a simples compaixão humana para acabar com isso — se o mundo me interpelar dessa maneira, vai ser difícil responder. Devo então admitir que não acredito muito naqueles sintomas e com isso suscitar a desagradável impressão de que, para me livrar de uma culpa, eu culpo outros de modo tão deselegante? E poderia por acaso dizer, com total franqueza, que, mesmo acreditando numa enfermidade real, não teria a menor compaixão, uma vez que a mulher me é completamente estranha e que a relação entre nós só foi estabelecida por ela e existe apenas do lado dela? Não quero dizer que não acreditassem em mim; na realidade não acreditariam nem deixariam de acreditar; ninguém chegaria ao ponto de discutir sobre isso: simplesmente registrariam a resposta que dei a respeito de uma mulher fraca e doente, o que seria pouco vantajoso para mim. Aqui como em qualquer outra resposta cruzaria teimosamente o meu caminho a incapacidade do mundo para impedir que emergisse, num caso como este, a suspeita de uma ligação amorosa, embora seja nítido ao extremo que uma relação como essa não existe e que, caso existisse, ela partiria antes de mim; pois ainda assim eu seria capaz de admirar de fato a pequena mulher pela prontidão do seu julgamento e pelo caráter infatigável das suas conclusões — mesmo que não fosse constantemente punido por essas qualidades. De

qualquer modo nela não está presente nenhum vestígio de uma relação amigável comigo; nisso ela é honesta e verdadeira; nisso repousa minha última esperança: nem que se ajustasse ao seu plano bélico fazer crer numa tal ligação comigo ela chegaria ao ponto de se esquecer de si mesma e fazer coisa semelhante. Mas o público, inteiramente obtuso nesse aspecto, sustentaria a sua opinião e decidiria sempre contra mim.

Assim, na verdade não me restaria outra coisa senão mudar em tempo, antes que o mundo interviesse — mudar o suficiente não para eliminar a irritação da mulherzinha, o que é impensável, mas para abrandá-la um pouco. De fato já me perguntei muitas vezes se meu estado atual me satisfaz a ponto de não querer de modo nenhum modificá-lo, e se não seria possível proceder a certas mudanças em mim — mesmo que não o fizesse por estar convencido da sua necessidade, mas só para aplacar a mulher. E eu o tentei honestamente, não sem esforço e esmero — isso correspondia a um impulso interior meu e quase me divertiu; resultaram mudanças isoladas, amplamente visíveis, não precisei chamar a atenção da mulher para elas, ela percebe essas coisas mais cedo que eu, nota logo a expressão da intenção no meu ser; mas nenhum êxito me foi concedido. E como isso seria possível? A insatisfação dela comigo, como agora eu entendo, é uma questão de princípio; nada pode suplantá-la, nem mesmo a supressão da minha pessoa; a notícia do meu suicídio, por exemplo, provocaria nela acessos de fúria sem limites. Ora, não posso imaginar que uma mulher tão aguda não enxergue tão bem como eu tanto a falta de perspectiva dos seus esforços quanto a minha inocência e a minha incapacidade para corresponder, mesmo com a melhor das vontades, às suas exigências. Seguramente ela compreende isso, mas, sendo uma natureza combativa, esquece-o na paixão da luta, e meu infeliz modo de ser — que não posso evitar, pois nasci com ele — consiste em sussurrar uma mansa exortação a quem está fora de juízo. Naturalmente dessa maneira nunca iremos chegar a um acordo. Continuarei saindo de casa na felicidade das primeiras horas da manhã para ver esse rosto azedo por minha causa, os lábios franzidos rabugentemente, o olhar inquisidor que já conhece o resultado antes do exame e que, ao me esquadrinhar, não deixa escapar nada, mesmo na maior fugacidade, o sorriso amargo encravado nas maçãs juvenis, o olhar de lástima que se eleva ao céu, as mãos que se plantam nos quadris para adquirir firmeza e depois

o empalidecimento e o tremor da indignação.

Não faz muito tempo — e pela primeira vez, como nessa ocasião admiti espantado para mim mesmo — mencionei o assunto a um bom amigo, só de passagem, bem de leve, através de algumas palavras, rebaixando o significado de tudo — pois no fundo a questão para mim é pequena vista de fora — a um nível um pouco inferior à verdade. Curiosamente, entretanto, o amigo não deixou de ouvir — até mesmo deu, por conta própria, mais sentido ao caso, não permitiu que se fugisse do assunto e insistiu nele. Mais curioso ainda foi que, a despeito disso, subestimou a coisa num ponto decisivo, pois me aconselhou seriamente a viajar por algum tempo. Nenhum conselho poderia ser mais incompreensível; de fato as coisas são simples, qualquer um pode atravessá-las com o olhar se chegar mais perto, mas elas não são tão simples ao ponto de minha partida conseguir pôr tudo (ou pelo menos o mais importante) em ordem. Pelo contrário, devo antes me prevenir contra essa viagem; se é que tenho de seguir algum plano, que seja então aquele que retenha o assunto nos seus limites até agora estreitos e que não incluem o mundo externo, isto é: permanecer quieto no lugar onde estou e não permitir que grandes alterações provocadas por esta questão chamem a atenção, o que também implica não falar com ninguém sobre isso — não porque seja um segredo perigoso, mas porque é um assunto pequeno, puramente pessoal, por isso mesmo fácil de levar e que assim deve se manter. Nesse sentido as observações do meu amigo não foram completamente inúteis: não me ensinaram nada de novo, mas fortaleceram minha opinião básica.

Como mostram reflexões mais precisas, as mudanças que a questão parece ter sofrido no correr do tempo não são alterações do assunto em si, mas apenas um avanço na visão que tenho dele, na medida em que essa visão se torna, em parte, mais serena, mais máscula, mais próxima do cerne e, em parte também, adquire um certo nervosismo sob a influência insuperável dos abalos contínuos, por mais leves que estes sejam.

Fico mais calmo diante da coisa quando creio reconhecer que uma decisão, por mais próxima que pareça estar, não virá; as pessoas inclinam-se facilmente, sobretudo nos anos de juventude, a superestimar muito a velocidade com que as decisões aparecem; se minha pequena juíza,

debilitada por minha presença, afundava de lado numa poltrona, agarrava com uma das mãos o espaldar e com a outra desapertava o espartilho e as lágrimas de cólera e desespero rolavam pelas suas faces, eu sempre achava que essa era a hora da decisão e que seria imediatamente intimado a dar explicações. Mas nada de decisão, nada de explicações, as mulheres se sentem mal com facilidade, o mundo não tem tempo para prestar atenção em todos os casos. E o que na verdade aconteceu todos esses anos? Nada a não ser que esses casos se repetiram, ora mais fracos, ora mais fortes, e que sua soma total agora é maior. E que as pessoas circulam em torno e gostariam de intervir se achassem uma possibilidade para isso; mas não acham nenhuma, até agora confiam apenas no seu faro e o faro na verdade só basta para entreter fartamente o proprietário, não serve para outra coisa. No fundo porém sempre foi assim, sempre houve esses espectadores inúteis das esquinas e esses inúteis consumidores de ar, que sempre desculparam sua proximidade de um modo superastuto — de preferência através do parentesco; sempre tiveram o nariz cheio de faro, mas o resultado disso tudo é que apenas continuam aí. A grande diferença é que aos poucos eu os fui conhecendo e distinguindo suas caras; antes eu acreditava que viessem de todos os lados, sucessivamente, que as dimensões do caso aumentavam e forçariam por si mesmas a decisão; hoje julgo saber que estavam todos ali desde sempre e que nada ou muito pouco têm a ver com a chegada da decisão. Mas a decisão propriamente dita — por que a nomeio com uma palavra tão forte? Se um dia — decerto não amanhã, nem depois de amanhã, provavelmente nunca — acontecer que o público se ocupe da questão (para a qual, como sempre repetirei, ele é incompetente), não sairei ileso do processo, mas sem dúvida será levado em conta o fato de que não sou um desconhecido, que vivo à luz pública desde sempre, confiante e digno de confiança e que, por isso, essa mulherzinha doente, recém-aportada à minha vida, a quem, diga-se de passagem, um outro que não eu talvez tivesse há muito identificado como um carrapicho e esmagado debaixo da bota, sem fazer ruído para ninguém — que esta mulher, no pior dos casos, só poderia acrescentar um pequeno e desagradável garrancho ao diploma no qual o público há bastante tempo me declara um respeitável membro seu. Este é o estado atual das coisas — pouco tendente, portanto, a me intranquilizar.

Não tem nada a ver com o sentido real da coisa o fato de que com os anos

eu me tornei um pouco inquieto; é que simplesmente ninguém suporta irritar quem quer que seja de modo contínuo, mesmo que se reconheça a falta de fundamento da irritação; fica-se intranquilo, começa-se a espreitar decisões — de certa maneira só no plano físico — embora racionalmente não se acredite muito que elas estejam vindo. Mas em parte trata-se apenas de um sintoma da idade; a juventude veste tudo com belas roupagens; pormenores desagradáveis se perdem no jorro enérgico da juventude; mesmo que alguém, quando jovem, tenha tido um olhar um tanto à espreita, isso não é levado a mal, não é notado nem por ele próprio; mas o que sobra na velhice são resíduos e cada um deles é necessário, nenhum é renovado, todos ficam sob observação — e o olhar de espreita num homem de idade está claramente à espreita, não é difícil percebê-lo. Mas também aqui não se trata de uma piora real e efetiva.

Portanto, de onde quer que observe este pequeno caso, evidencia-se sempre — e nisso me apego — que, se eu o mantiver tapado com a mão, mesmo que seja bem de leve, poderei prosseguir ainda por muito tempo, calmamente, sem ser importunado pelo mundo, na vida que tenho levado até agora — a despeito de toda a fúria dessa mulher.

UM ARTISTA DA FOME

Nas últimas décadas o interesse pelos artistas da fome diminuiu bastante. Se antes compensava promover, por conta própria, grandes apresentações desse gênero, hoje isso é completamente impossível. Os tempos eram outros. Antigamente toda a cidade se ocupava com os artistas da fome; a participação aumentava a cada dia de jejum; todo mundo queria ver o jejuador no mínimo uma vez por dia; nos últimos, havia espectadores que ficavam sentados dias inteiros diante da pequena jaula; também à noite se faziam visitas cujo efeito era intensificado pela luz de tochas; nos dias de bom tempo a jaula era levada ao ar livre e o artista mostrado especialmente às crianças. Embora para os adultos ele não passasse de um divertimento, no qual tomavam parte por causa da moda, as crianças olhavam com assombro, de boca aberta, uma segurando a mão da outra por insegurança, aquele homem pálido, de malha escura, as costelas extremamente salientes, que desdenhava até uma cadeira para ficar sentado sobre a palha espalhada no chão: ora ele acenava polidamente com a cabeça, ora respondia com um sorriso forçado às perguntas, esticando o braço pelas grades para que apalpassem sua magreza e mergulhando outra vez dentro de si mesmo, sem se importar com ninguém, nem mesmo com a batida do relógio — tão importante para ele e a única peça que decorava a jaula —, mas fitando o vazio com os olhos semicerrados e bebericando de vez em quando água de um copo minúsculo para umedecer os lábios.

Além dos espectadores que se revezavam, havia ali também vigilantes escolhidos pelo público — em geral, curiosamente, açougueiros, sempre três ao mesmo tempo, e que assumiam a tarefa de observar dia e noite o artista da fome para que ele não se alimentasse por algum método oculto. Mas isso era apenas uma formalidade introduzida para tranquilizar as massas, pois os iniciados sabiam muito bem que o jejuador, durante o período de fome, nunca, em circunstância alguma, mesmo sob coação, comeria alguma coisa, por mínima que fosse: a honra da sua arte o proibia. Sem dúvida nem todo vigilante podia entender isso; havia muitas vezes grupos de vigia que à noite exerciam com muita displicência o seu papel, reunindo-se de propósito num

canto distante, onde mergulhavam no jogo de cartas com a intenção manifesta de conceder ao artista da fome um descanso durante o qual, no seu modo de ver, ele podia lançar mão de provisões secretas. Nada atormentava tanto o jejuador quanto esses vigilantes; eles turvavam seu estado de ânimo e tornavam o jejum terrivelmente difícil; às vezes, superando a fraqueza, ele cantava, enquanto tinha forças, no período de vigia, para mostrar às pessoas como era injusto suspeitarem dele. Mas isso pouco ajudava, porque então eles se admiravam da sua destreza para comer até cantando. Para ele eram muito preferíveis os vigilantes que se sentavam bem junto às grades, não se contentavam com a fosca iluminação noturna da sala e faziam incidir sobre o jejuador os raios de lanternas elétricas de bolso que o empresário punha à sua disposição. A luz crua não o incomodava de modo algum; embora não pudesse dormir, sempre cochilava um pouco com qualquer luminosidade e a qualquer hora, mesmo na sala superlotada e barulhenta. Com esses vigilantes estava sempre pronto a passar a noite toda em claro, a trocar gracejos com eles, contar-lhes histórias da sua vida errante e depois escutar as deles — tudo para mantê-los despertos, para poder provar-lhes que não tinha nada comestível na jaula e que jejuava como nenhum deles seria capaz. Mas era de manhã que ficava mais feliz do que nunca, pois então, por sua conta, era servido aos vigilantes um café da manhã suculento, ao qual eles se atiravam com o apetite de homens sadios depois de uma noite de trabalhosa vigia. Na realidade não faltavam pessoas que queriam ver nessa refeição uma influência indevida sobre os vigilantes; mas isso era ir longe demais, e quando perguntavam a elas se porventura queriam assumir a vigilância noturna em nome da causa e sem o café da manhã, elas torciam a cara e conservavam suas suspeitas.

Isso no entanto já fazia parte das suspeitas inerentes à profissão do artista da fome. Ninguém estava em condições de passar todos os dias e noites ininterruptamente a seu lado como vigilante, portanto ninguém era capaz de saber, por observação pessoal, se o jejum fora realmente mantido sem falha e interrupção; só o artista podia saber isso e ser o espectador totalmente satisfeito do próprio jejum. Entretanto ele nunca estava satisfeito por outro motivo: talvez não fosse em virtude do jejum que estivesse tão magro — a tal ponto que muitos, lamentando-se por causa disso, tinham que se afastar das

apresentações porque não conseguiam suportar aquela visão — mas sim em virtude da insatisfação consigo mesmo. É que só ele sabia — só ele e nenhum outro iniciado — como era fácil jejuar. Era a coisa mais fácil do mundo. Ele não o ocultava, mas não acreditavam nele; no melhor dos casos consideravam-no modesto, no geral porém um faroleiro ou simples farsante, para quem o jejum era fácil porque ele conhecia a maneira de torná-lo fácil e ainda por cima tinha o topete de o admitir só pela metade. Ele era obrigado a aceitar tudo isso, mas no correr dos anos se acostumou; no entanto a insatisfação o roía por dentro e nem uma única vez, depois de qualquer período de fome — tinham de conceder-lhe esse crédito —, deixara espontaneamente a jaula. O empresário havia fixado em quarenta dias o prazo máximo de jejum, acima disso ele nunca deixava jejuar nem nas grandes cidades do mundo — e isso por um bom motivo. A experiência mostrava que durante quarenta dias era possível espicaçar o interesse de uma cidade através de uma propaganda ativada gradativamente, mas depois disso o público falhava e se podia verificar uma redução substancial da assistência; naturalmente existiam neste ponto pequenas diferenças segundo as cidades e os países, mas como regra quarenta dias eram o período máximo. Sendo assim, no quadragésimo dia eram abertas as portas da jaula coroada de flores, uma platéia entusiasmada enchia o anfiteatro, uma banda militar tocava, dois médicos entravam na jaula para proceder às medições necessárias no artista da fome, os resultados eram anunciados à sala por um megafone e finalmente duas moças, felizes por terem sido as sorteadas, ajudavam o jejuador a sair da jaula, descendo com ele alguns degraus de escada até uma mesinha onde estava servida uma refeição de doente cuidadosamente selecionada. E neste momento o artista da fome sempre resistia. Na verdade colocava voluntariamente os braços ossudos nas mãos das jovens que se curvavam sobre ele, mas não queria se levantar. Por que parar justamente agora, depois de quarenta dias? Ele poderia agüentar ainda muito tempo, um tempo ilimitado; por que suspender agora, quando estava no melhor, isto é, ainda não estava no melhor do jejum? Por que queriam privá-lo da glória de continuar sem comer, de se tornar não só o maior jejuador de todos os tempos — coisa que provavelmente já era — mas também de superar a si mesmo até o inconcebível, uma vez que não sentia limites para a sua capacidade de passar fome? Por que essa multidão, que

fingia admirá-lo tanto, tinha tão pouca paciência com ele? Se ele agüentava continuar jejuando, por que ela não suportava isso? Além do mais ele estava cansado, bem assentado sobre a palha e devia endireitar o corpo todo e caminhar até a comida: só de pensar nela sentia náuseas, cuja exteriorização porém ele reprimia a custo só em consideração às damas. E erguia a vista para os olhos das moças na aparência tão amáveis, mas na verdade tão cruéis, e balançava a cabeça excessivamente pesada sobre o pescoço fraco. Mas então acontecia o mesmo de sempre. O empresário chegava e sem dizer uma palavra — a música tornava qualquer discurso impossível — levantava os braços sobre o artista da fome, como se convidasse o céu a contemplar sua obra sobre a palha, este mártir digno de compaixão — que o artista da fome de fato era, mas num sentido muito diferente; agarrava-o pela cintura delgada, com um cuidado exagerado, como se quisesse fazer acreditar que tinha de lidar aqui com uma coisa muito quebradiça e — não sem sacudi-lo um pouco às escondidas, de tal forma que o artista da fome balançava descontrolado de um lado para outro com as pernas e o tronco — entregava-o às jovens que nesse ínterim tinham ficado mortalmente pálidas. Aí então o jejuador tolerava tudo: a cabeça caía sobre o peito, como se tivesse rolado para lá e ficasse ali sem explicação; o corpo estava esvaziado; as pernas, para se sustentarem, apertavam-se uma contra a outra na altura dos joelhos, raspando o chão como se ele não fosse o verdadeiro — este elas ainda procuravam; e o peso inteiro do corpo, embora bem pequeno, recaía sobre uma das damas que, buscando ajuda, com o fôlego entrecortado — não tinha imaginado desse jeito a missão honorífica —, esticava o mais que podia o pescoço para livrar pelo menos o rosto do contato com o artista da fome. Mas depois, como não o conseguisse e a companheira, mais feliz que ela, não ia em seu socorro — contentando-se em transportar, trêmula, a mão do jejuador, esse pequeno feixe de ossos, sob o riso deliciado da sala —, rompia no choro e precisava ser substituída por um criado havia muito tempo preparado para isso. Em seguida vinha a refeição, na qual o empresário fazia o artista da fome engolir alguma coisa durante um semi-sono de desmaio em meio a uma conversa divertida que devia desviar a atenção do estado do artista; depois era erguido um brinde ao público, supostamente soprado pelo jejuador ao empresário; a orquestra reforçava tudo com uma grande fanfarra, as pessoas se dispersavam e ninguém tinha

o direito de ficar insatisfeito com o acontecimento — ninguém a não ser o artista da fome, só ele, sempre.

Assim viveu muitos anos, com pequenas pausas regulares de descanso, num esplendor aparente, respeitado pelo mundo mas, apesar disso, a maior parte do tempo num estado de humor melancólico, que se tornava cada vez mais sombrio porque ninguém conseguia levá-lo a sério. Aliás, com o que poderia ser consolado? O que lhe restava desejar? E se alguma vez uma pessoa bem-intencionada se compadecia dele e queria explicar que sua tristeza provavelmente vinha da fome, podia acontecer — em especial no estágio avançado do jejum — que respondesse com um acesso de fúria e começasse a sacudir as grades como um animal, para susto de todos. Mas para esses estados o empresário dispunha de um castigo que gostava de aplicar. Desculpava o artista perante o público reunido, admitia que só a irritabilidade provocada pelo jejum — facilmente compreensível por pessoas bem alimentadas — tornava perdoável o comportamento do jejuador; nesse contexto acabava se referindo também à afirmação do artista da fome — igualmente merecedora de um esclarecimento — de que poderia jejuar muito mais ainda do que jejuava; elogiava a elevada ambição, a boa vontade, a grande negação de si mesmo que sem dúvida estavam contidas nessa afirmação; mas depois procurava refutá-la, pura e simplesmente, mostrando fotografias — que eram vendidas naquela hora — pois nas imagens se via o artista da fome, no quadragésimo dia de jejum, quase extinto de inanição. Essa distorção da verdade, de resto bem conhecida, mas sempre enervante, era demais para o jejuador. O que era conseqüência do encerramento prematuro do jejum se apresentava aqui como sua causa! Era impossível lutar contra essa incompreensão, contra esse mundo de insensatez. Embora sempre tivesse ouvido de boa-fé o empresário, quando as fotografias apareciam ele largava das grades da jaula, às quais estivera ansiosamente grudado, e afundava outra vez na palha, soluçando; e então o público, acalmado, podia aproximar-se e examiná-lo.

Quando as testemunhas se recordavam dessas cenas, alguns anos mais tarde, muitas vezes não compreendiam a si mesmas. Pois nesse meio tempo interveio a virada já referida; isso aconteceu quase de repente; devia haver motivos mais profundos, mas quem iria se preocupar em descobri-los? Seja

como for o mimado artista da fome se viu um dia abandonado pela multidão ávida de diversão que preferia afluír a outros espetáculos. O empresário percorreu novamente com ele meia Europa para ver se aqui e ali não se reencontrava o antigo interesse; tudo inútil; como se fosse por um acordo secreto, em toda parte havia se estabelecido uma repulsa contra o espetáculo da fome. É evidente que na realidade isso não poderia ter sucedido de repente e recordava-se agora, com atraso, de muitos presságios que na época da embriaguez do triunfo não tinham sido suficientemente respeitadas, nem suficientemente reprimidos; mas agora já era tarde demais para fazer alguma coisa. Certamente os bons tempos do jejum um dia também voltariam, mas para os que viviam naquela época isso não era um consolo. O que o artista da fome podia então fazer? Quem tinha sido aclamado por milhares de pessoas não podia exhibir-se em barracas nas pequenas feiras, e para adotar outra profissão o artista estava não só muito velho, mas sobretudo entregue com demasiado fanatismo ao jejum. Sendo assim, demitiu o empresário, companheiro de uma carreira incomparável, e se empregou num grande circo; para poupar a própria suscetibilidade, nem olhou as condições do contrato.

Um grande circo, com seus inúmeros homens, animais e aparelhos que sem cessar se recompõem e se completam, pode utilizar qualquer um a qualquer hora, mesmo um artista da fome — naturalmente se as pretensões dele forem modestas; além disso, neste caso particular não era apenas o próprio jejuador a ser engajado, mas também o seu nome antigo e famoso; de fato não se podia dizer, dada a peculiaridade da sua arte — que com o avanço da idade não diminuía —, que o veterano artista, passado o auge da sua capacidade, queria se refugiar num posto tranqüilo do circo; pelo contrário, o artista da fome garantia que jejuava tão bem quanto antes, o que era perfeitamente digno de fé; afirmava até que, se o deixassem fazer sua vontade — e isso lhe prometeram logo —, desta vez ia encher o mundo de justificado espanto; uma declaração, contudo, que só provocou um sorriso nos especialistas, cientes do espírito da época que, no seu zelo, o artista da fome facilmente esquecia.

Mas no fundo o jejuador também não deixou de perceber as condições reais e considerou natural que ele não fosse colocado com sua jaula, como número de destaque, no centro do picadeiro, mas sim fora, num lugar aliás

bastante acessível, situado perto dos estábulos. Cartazes grandes e coloridos emolduravam a jaula e anunciavam o que podia ser visto nela. Quando o público, nos intervalos do espetáculo, se comprimia junto às estrebarias para visitar os animais, era quase inevitável que passassem diante do artista da fome e parassem um pouco; talvez permanecessem ali por mais tempo se a multidão que vinha atrás, sem entender aquela parada no meio do caminho aos estábulos, não tornasse impossível uma observação mais prolongada e tranqüila. Esse também era o motivo pelo qual o jejuador tremia ao pensar naquelas horas de visita, que ele naturalmente desejava como meta da sua vida. Nos primeiros tempos mal podia esperar os intervalos entre as apresentações; encantado, dirigia o olhar para a multidão que se aproximava, até que logo — nem mesmo o auto-engano mais pertinaz e quase consciente resistia às experiências — se convenceu de que o objetivo daquelas pessoas era sempre, sem exceção, visitar os estábulos. O mais belo continuava sendo essa visão à distância. Pois assim que os visitantes se aproximavam dele, ensurdeciam-no os gritos e xingamentos dos dois partidos que sem cessar se formavam — o daqueles que queriam vê-lo confortavelmente (tornou-se em breve o mais penoso para o artista da fome), não por compreensão, mas por capricho e teimosia; e o daqueles que queriam ir diretamente às estrebarias. Passada a grande turba, chegavam os retardatários, mas mesmo estes, a quem nada mais impedia de ficar ali quanto tempo quisessem, apertavam o passo e iam direto, quase sem olhar para o lado, a fim de chegar em tempo de ver os animais. E não era um acaso muito freqüente que um pai de família viesse com seus filhos, apontasse o dedo para o jejuador, explicasse em detalhe do que se tratava, contasse coisas de anos passados, quando presenciara apresentações semelhantes, mas incomparavelmente mais grandiosas e as crianças, em vista do seu preparo insuficiente na escola e na vida, continuavam sem entender — o que significava para elas passar fome? — mas traíam no brilho dos seus olhos perscrutadores algo dos novos tempos vindouros e mais clementes. Talvez — dizia às vezes o jejuador a si mesmo — tudo melhorasse um pouco, se o local da sua exibição não estivesse tão perto dos estábulos. Então a escolha seria mais fácil para as pessoas, sem falar que as exalações das estrebarias, a inquietação dos animais à noite, o transporte dos pedaços de carne crua para as feras, os rugidos durante a alimentação,

o feriam e deprimiam constantemente. Mas ele não ousava comunicar aquilo à direção; pois ainda assim agradecia aos animais a multidão de visitantes, entre os quais se podia encontrar aqui e ali algum destinado a ele. Como saber em que lugar o esconderiam se ele quisesse lembrar aos outros sua existência e com isso — pensando bem — que era apenas um obstáculo no caminho aos estábulos?

De qualquer forma um pequeno obstáculo, um estorvo que se tornava cada vez menor. As pessoas acostumavam-se à estranheza de se querer chamar a atenção para um artista da fome nos tempos atuais e esse hábito lavrava a sentença contra ele. O jejuador podia jejuar tão bem quanto quisesse — e ele o fazia — mas nada mais podia salvá-lo: passavam reto por ele. Tente explicar a alguém a arte do jejum! Não se pode explicá-la para quem não a sente. Os belos cartazes ficaram sujos e ilegíveis, foram arrancados, não ocorreu a ninguém substituí-los; a pequena tabela com o número dos dias de jejum, que nos primeiros tempos era cuidadosamente renovada, continuava a mesma há muito tempo, pois após as primeiras semanas os próprios funcionários não quiseram mais se dar nem a este pequeno trabalho; assim o artista da fome continuou jejuando como um dia sonhara, e isso não representava nenhum grande esforço para ele, tal como havia previsto. Mas ninguém contava os dias, ninguém, nem mesmo o jejuador conhecia a extensão do seu desempenho, e seu coração ficou pesado. E quando certa vez, nesse tempo, um ocioso se deteve diante da jaula, escarneceu da velha cifra na tabela e falou de embuste, essa foi, à sua maneira, a mais estúpida mentira que a indiferença e a maldade inata puderam inventar, já que não era o artista da fome quem cometia a fraude — ele trabalhava honestamente — mas sim o mundo que o fraudava dos seus méritos.

Passaram-se ainda muitos dias e até isso chegou ao fim. Certa vez um inspetor notou a jaula e perguntou aos serventes por que deixavam sem uso aquela peça perfeitamente aproveitável com palha apodrecida dentro; ninguém sabia, até que um deles, com a ajuda da tabuleta, se lembrou do artista da fome. Levantaram a palha com ancinhos e encontraram nela o jejuador.

— Você continua jejuando? — perguntou o inspetor. — Afinal quando vai

parar?

— Peço desculpas a todos — sussurrou o artista da fome; só o inspetor, que estava com o ouvido colado às grades, o entendia.

— Sem dúvida — disse o inspetor, colocando o dedo na testa, para indicar aos funcionários, com isso, o estado mental do jejuador. — Nós o perdoamos.

— Eu sempre quis que vocês admirassem meu jejum — disse o artista da fome.

— Nós admiramos — retrucou o inspetor. — Por que não haveríamos de admirar?

— Mas não deviam admirar — disse o jejuador.

— Bem, então não admiramos — disse o inspetor. — Por que é que não devemos admirar?

— Porque eu preciso jejuar, não posso evitá-lo — disse o artista da fome.

— Bem se vê — disse o inspetor. — E por que não pode evitá-lo?

— Porque eu — disse o jejuador, levantando um pouco a cabecinha e falando dentro da orelha do inspetor com os lábios em ponta, como se fosse um beijo, para que nada se perdesse. — Porque eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanturrado como você e todo mundo.

Estas foram suas últimas palavras, mas nos seus olhos embaciados persistia a convicção firme, embora não mais orgulhosa, de que continuava jejuando.

— Limpem isso aqui! — disse o inspetor, e enterraram o artista da fome junto com a palha.

Mas na jaula puseram uma jovem pantera. Era um alívio sensível até para o sentido mais embotado ver aquela fera dando voltas na jaula tanto tempo vazia. Nada lhe faltava. O alimento de que gostava, os vigilantes traziam sem pensar muito; nem da liberdade ela parecia sentir falta: aquele corpo nobre, provido até estourar de tudo o que era necessário, dava a impressão de carregar consigo a própria liberdade; ela parecia estar escondida em algum lugar das suas mandíbulas. E a alegria de viver brotava da sua garganta com tamanha intensidade que para os espectadores não era fácil suportá-la. Mas eles se dominavam, apinhavam-se em torno da jaula e não queriam de modo algum sair dali.

JOSEFINA, A CANTORA
OU
O POVO DOS CAMUNDONGOS

Nossa cantora se chama Josefina. Quem não a ouviu não conhece o poder do canto. Não existe ninguém a quem seu canto não arrebate, o que deve ser mais valorizado ainda, uma vez que nossa raça em geral não é amante da música. Para nós a música mais amada é a paz do silêncio; nossa vida é dura e, mesmo quando procuramos nos livrar de todas as preocupações diárias, já não sabemos nos elevar a coisas tão distantes do nosso cotidiano como a música. Mas não o lamentamos muito; nem mesmo chegamos a esse ponto; consideramos como nossa maior vantagem uma certa esperteza prática, da qual evidentemente necessitamos com a máxima premência; e é com o sorriso dessa astúcia que costumamos nos consolar de tudo, ainda que aspirássemos — o que não acontece — à felicidade que talvez emane da música. Só Josefina é uma exceção; ela ama a música e sabe também transmiti-la; é a única; com o seu passamento a música desaparecerá — quem sabe por quanto tempo — da nossa vida.

Muitas vezes me perguntei o que acontece efetivamente com essa música. De fato somos inteiramente não-musicais; como é que entendemos a música de Josefina, ou pelo menos acreditamos entender, já que ela nega nosso entendimento? A resposta mais simples seria que a beleza do seu canto é tão grande que até o sentido mais embotado é incapaz de resistir, mas esta resposta não é satisfatória. Se fosse realmente assim, diante desse canto precisaríamos, de uma vez por todas, ter o sentimento de algo extraordinário, a sensação de que nessa garganta ressoa alguma coisa que nunca ouvimos antes e que não temos absolutamente capacidade de escutar — algo para o qual Josefina e ninguém mais nos torna aptos. Mas na minha opinião é justamente isso o que não ocorre; eu não o sinto e nunca o notei também nos outros. Em círculos de confiança admitimos abertamente uns aos outros que o canto de Josefina, enquanto canto, não tem nada de excepcional.

É realmente um canto? Embora não sejamos musicais temos tradições de canto; em épocas antigas do nosso povo o canto existiu; as lendas falam a esse respeito e foram conservadas inclusive canções, que naturalmente ninguém mais sabe cantar. Temos portanto uma noção do que é canto e a arte de Josefina não corresponde, na verdade, a essa noção. É pois realmente um canto? Não é talvez apenas um assobio? E assobiar todos nós sabemos, é a aptidão propriamente dita do nosso povo, ou melhor: não se trata de uma aptidão, mas de uma manifestação vital bem característica. Todos nós assobiamos, mas certamente ninguém cogita fazê-lo passar por arte; assobiamos sem prestar atenção nisso, até mesmo sem o perceber, e muitos entre nós ignoram totalmente que o assobio faz parte das nossas peculiaridades. Portanto se fosse verdade que Josefina não canta, mas só assobia e que talvez, como pelo menos me parece, mal ultrapasse os limites do assobio usual; que talvez a sua força não baste nem para esse assobio costumeiro, ao passo que um trabalhador comum da terra o emite sem esforço o dia inteiro enquanto realiza o seu trabalho — se tudo isso fosse verdade, então o suposto talento artístico de Josefina estaria refutado; mas a partir daí teria que ser solucionado o enigma do seu grande efeito.

Mas de fato não é apenas assobio o que ela produz. Se alguém se coloca à distância e fica escutando, melhor ainda — submete-se a uma prova nesse sentido; se portanto Josefina eventualmente canta entre outras vozes e alguém se propõe a tarefa de reconhecer sua voz, então é irrecusável que não irá escutar outra coisa senão um assobio comum, que no máximo se destaca um pouco pela delicadeza ou pela debilidade. Mas se o observador fica diante dela, aí então não é apenas um assobio: para compreender a sua arte é necessário não só ouvi-la como também vê-la. Mesmo que fosse somente o nosso assobio cotidiano, aqui já existe a singularidade de alguém que se põe, solenemente, a não fazer outra coisa senão o usual. Quebrar uma noz não é verdadeiramente uma arte, por isso ninguém ousará convocar um público e, para entretê-lo, começar a quebrar nozes diante dele. Mas se apesar disso ele o faz e sua intenção é bem-sucedida, então não se trata única e exclusivamente de quebrar nozes. Ou então se trata de quebrar nozes, mas se verifica que não demos atenção a esta arte porque a dominávamos completamente e que este novo quebrador de nozes mostra a verdadeira essência dela — momento em que poderia até ser útil ao efeito

se ele fosse menos hábil em quebrar nozes do que a maioria de nós.

Talvez aconteça algo semelhante com o canto de Josefina; admiramos nela aquilo que de modo algum admiramos em nós; a esse respeito aliás ela está de pleno acordo conosco. Eu estava presente quando certa vez — naturalmente isso ocorre com freqüência — alguém chamou a atenção dela para o assobio geral do povo, e o fez na verdade de maneira bastante discreta, mas para Josefina isso foi demais. Ainda não vi um sorriso tão insolente e arrogante como o que ela então ostentou; ela, que por fora é a própria delicadeza, e nesse aspecto sobressai até mesmo num povo tão rico em figuras femininas como o nosso, pareceu naquele momento francamente mesquinha; com a sua grande sensibilidade, porém, pôde tomar consciência de si mesma e se dominou. Seja como for, nega qualquer relação entre sua arte e o ato de assobiar. Ela tem só desprezo por aqueles que têm opinião contrária à sua — e provavelmente um ódio não confessado. Não é uma vaidade comum, pois essa oposição, à qual eu também meio que pertença, certamente não a admira menos que a multidão; mas Josefina não quer ser apenas admirada, e sim admirada exatamente da maneira definida por ela; só admiração não lhe interessa. E quando estamos sentados diante dela nós a compreendemos — só se faz oposição à distância; quando se está sentado diante dela sabe-se: o que ela aqui assobia não é assobio.

Uma vez que assobiar faz parte dos nossos hábitos espontâneos, seria possível pensar que se assobia também no auditório de Josefina; a arte dela nos faz bem e quando nos sentimos bem, assobiamos; mas sua audiência não assobia, nela nem um rato bole, como se participássemos todos da paz almejada, da qual nosso próprio assobio no mínimo nos aparta — e por isso silenciamos. É seu canto o que nos enleva ou a quietude solene que envolve a fraca vozinha? Sucedeu certa vez que uma coisinha tola começou a assobiar com a maior inocência durante o canto de Josefina. Era exatamente a mesma coisa que ouvíamos de Josefina: lá na frente o assobio que continuava tímido apesar de toda a prática e aqui no público a assobiação infantil e esquecida de si mesma; teria sido impossível marcar a diferença; mas calamos imediatamente a perturbadora com guinchos e sibilos, embora não tivesse sido necessário, pois de qualquer maneira ela certamente teria se escondido de medo e vergonha; enquanto isso Josefina entoava seu assobio

triunfal e, completamente fora de si, estendia os braços e esticava o pescoço até o limite máximo.

Aliás ela é sempre assim: qualquer ninharia, qualquer acaso, qualquer renitência, um estalo na platéia, um ranger de dentes, uma falha de iluminação, ela considera adequados para aumentar o efeito do seu canto; de fato na sua opinião ela canta para ouvidos surdos; entusiasmo e aplauso não lhe faltam, mas há muito tempo ela aprendeu a renunciar à compreensão real, tal como a concebe. Por isso todas as perturbações lhe vêm a propósito: tudo o que se opõe de fora à pureza do seu canto é derrotado pelo mero confronto numa luta ligeira — na verdade sem luta alguma — e pode contribuir para despertar a multidão, para ensinar-lhe, se não a compreensão, pelo menos um respeito instintivo.

Se as pequenas coisas já lhe servem, quanto mais as grandes. Nossa vida é muito intranqüila, cada dia traz surpresas, temores, esperanças e sustos, de tal forma que o indivíduo não poderia absolutamente suportar tudo se não tivesse dia e noite o apoio dos companheiros; mas mesmo assim ela com freqüência fica bem difícil; às vezes tremem mil ombros sob o peso que na verdade estava destinado a apenas um. Aí Josefina considera ter chegado sua hora. Ei-la em pé, o ser delicado vibrando inquietadoramente sobretudo abaixo do peito; é como se estivesse reunindo no canto todas as forças, como se tudo nela que não sirva imediatamente ao canto ficasse privado de qualquer energia, de qualquer possibilidade de vida; como se ela, despojada, entregue, estivesse só sob a proteção de bons espíritos; como se um alento frio, ao passar ventando, pudesse matá-la, enquanto ela, completamente retirada, habita o próprio canto. Mas é justamente diante dessa visão que nós, seus supostos opositores, costumamos dizer: “Ela não pode nem assobiar; tem que fazer um esforço medonho para arrancar de si não um canto — de canto nem se fala — mas o assobio habitual da terra”. Assim nos parece, mas isso é — como já foi referido — uma impressão na realidade inevitável, porém transitória e que desaparece rápido. Logo mergulhamos, nós também, no sentimento da multidão que, cálida, um corpo encostado ao outro, escuta com a respiração contida.

E para reunir em torno de si esta multidão do nosso povo quase sempre em movimento, correndo de lá para cá em função de objetivos nem sempre muito claros, Josefina não precisa, na maior parte das vezes, fazer outra

coisa senão, com a cabecinha atirada para trás, a boca semi-aberta, os olhos voltados para o alto, assumir a posição que indica a intenção de cantar. Pode fazer isto onde quiser, não precisa ser um lugar visível de longe; qualquer lugarzinho escondido, escolhido segundo o capricho casual do instante, é igualmente aproveitável. A notícia de que vai cantar se espalha depressa e logo desfilam as procissões. Ora, algumas vezes se interpõem obstáculos, Josefina canta de preferência em tempos agitados, múltiplos cuidados e aflições nos forçam a trilhar toda sorte de caminhos, não é possível reunir-se — nem mesmo com a melhor boa vontade — tão rápido quanto Josefina deseja e ela fica parada talvez por algum tempo na sua postura solene sem audiência satisfatória — aí naturalmente ela se enfurece, bate com os pés no chão, xinga de um modo totalmente impróprio para uma moça e chega até a morder. Mas mesmo um comportamento como esse não prejudica sua fama; ao invés de se pôr um pouco de limite às suas exageradas exigências, esforça-se para corresponder a elas; são enviados mensageiros para convocar ouvintes; mantém-se em segredo que isso está acontecendo; nos caminhos de todas as redondezas vêm-se sentinelas que gesticulam, aos que se aproximam, para que se apressem; isso dura até que finalmente esteja reunido um número razoável de espectadores.

O que impele o povo a se esforçar tanto por Josefina? A resposta a esta pergunta não é mais fácil do que a relativa ao seu canto — com a qual certamente está relacionada. Seria possível riscá-la e fundi-la com a segunda, se coubesse afirmar, por exemplo, que o povo está entregue incondicionalmente a Josefina em virtude do canto. Mas de modo algum este é o caso; devoção incondicional é coisa que o nosso povo mal conhece; pois, amando acima de tudo a astúcia — evidentemente sem maldade —, o mexerico infantil e o matraquear sem dúvida inocente que só movimentam os lábios, um povo desses não pode se entregar incondicionalmente à devoção; até Josefina sente isso, e é o que ela combate com todo o vigor da sua fraca garganta.

Certamente nesses julgamentos genéricos não se pode ir longe demais: o povo é devotado a Josefina, só que não incondicionalmente. Ele não seria, por exemplo, capaz de rir dela. Pode-se admitir que em Josefina há muita coisa que convida ao riso; e o riso, em si mesmo, está sempre ao nosso alcance; apesar de toda a miséria da nossa vida, um riso discreto é natural

entre nós; mas de Josefina nós não rimos. Às vezes tenho a impressão de que o povo concebe sua relação com ela de tal modo que este ser frágil, necessitado de proteção e de certa forma notável — segundo a opinião dela, notável pelo canto — fica sob os seus cuidados e ele precisa olhar por ela; o motivo ninguém sabe direito, só o fato parece estabelecido. Mas daquilo que está sob o nosso cuidado nós não rimos; rir seria faltar ao dever; o máximo de maldade que os mais maldosos dentre nós praticam é dizer de vez em quando: “Quando vemos Josefina, nossa vontade de rir desaparece”.

Assim, o povo cuida de Josefina à maneira de um pai que se incumbe do filho que lhe estende a mãozinha — não se sabe ao certo se pedindo ou exigindo. Seria possível pensar que nosso povo não serve para cumprir esses deveres paternos, mas na realidade ele os desempenha, pelo menos neste caso, de modo exemplar; nenhum indivíduo isolado poderia fazer o que, neste sentido, o povo como um todo consegue. Evidentemente a diferença de forças entre o povo e o indivíduo é tão gigantesca, que basta atrair o protegido ao calor da sua proximidade que ele fica suficientemente protegido. Contudo ninguém ousa falar destas coisas com Josefina. “Para mim a proteção de vocês não vale um assobio”, diz ela. “Certo, certo, nem um assobio”, pensamos nós. Afora isso não há contestação real quando ela se rebela — é antes o modo de ser e agradecer característico de uma criança — e aqui o papel do pai é não fazer caso.

Mas existe ainda alguma outra coisa que é mais difícil de explicar nesta relação entre o povo e Josefina. Na verdade Josefina pensa o contrário, pois acredita ser ela quem protege o povo. Seu canto supostamente nos salva de uma situação política ou econômica difícil — nada menos que isso — e se não expulsa a desgraça, pelo menos nos dá energias para suportá-la. Ela não o afirma deste modo nem de outro qualquer; em geral fala pouco e se mantém em silêncio no meio dos tagarelas; mas esta convicção brilha nos seus olhos e pode ser lida na sua boca fechada: só poucos entre nós conservam a boca fechada, mas ela consegue fazê-lo. A cada má notícia — e em certos dias elas se atropelam, inclusive as falsas e as semiverdadeiras — ela se levanta imediatamente, quando o seu costume é ficar deitada no chão, cansada; levanta-se, estica o pescoço e procura abranger com o olhar o seu rebanho, como o pastor ante a tempestade. Certamente também as crianças,

no seu modo de ser selvagem e sem domínio, têm pretensões semelhantes, mas, no caso de Josefina, elas não são infundadas. Sem dúvida ela não nos salva nem nos dá forças, é fácil fazer-se passar por salvador deste povo acostumado ao sofrimento, que não se poupa, que é rápido nas decisões, que conhece a morte, que só na aparência é medroso na atmosfera de temeridade onde constantemente vive, e além disso tão fecundo quanto audacioso — é fácil, digo eu, fazer-se passar por salvador *a posteriori* deste povo, que de algum modo sempre salvou a si próprio, mesmo às custas de vítimas, diante das quais o pesquisador de história — em geral negligenciamos totalmente a pesquisa histórica — fica gelado de pavor. E no entanto é verdade que justamente em situações de emergência escutamos melhor que de costume a voz de Josefina. As ameaças que pesam sobre nós nos tornam mais quietos, mais modestos, mais dóceis ao arbítrio de Josefina; é de bom grado que nos reunimos e nos apinhamos, especialmente porque isso acontece por um motivo totalmente distanciado da torturante questão central; é como se ainda bebêssemos juntos, rapidamente — sim, a pressa é necessária e disso Josefina se esquece com muita frequência —, uma taça de paz antes da luta. Não é tanto um recital de canto quanto uma assembléia do povo — na verdade uma assembléia inteiramente silenciosa, exceção feita ao pequeno assobio lá na frente; a hora é grave demais para que se quisesse desperdiçá-la matraqueando.

Naturalmente uma relação deste tipo não poderia de forma alguma satisfazer Josefina. A despeito do mal-estar nervoso que a acomete por causa da sua situação jamais esclarecida por completo, muita coisa ela, ofuscada pela presunção, não vê e pode, sem grande esforço, ser levada a perder ainda mais de vista; nesse sentido, ou seja, num sentido em geral útil, um enxame de aduladores está sempre a postos; mas cantar apenas de passagem, despercebida, num lugarzinho da assembléia do povo — não, em nome disso ela não sacrificaria seu canto, embora em si mesmo não fosse absolutamente pouco.

Mas ela não precisa fazê-lo, pois sua arte não passa inadvertida. Embora no fundo estejamos ocupados com coisas muito distintas e o silêncio não reine exclusivamente em função do canto e alguns não ergam o olhar, mas comprimam o rosto na pele do vizinho e Josefina pareça portanto estar se esforçando inutilmente lá em cima, algo do seu assobio abre caminho até

nós — isso não se pode negar. Esse assobio, que se eleva onde o silêncio se impõe a todos os outros, chega ao indivíduo quase como uma mensagem do povo; seu assobio fino, em meio às decisões difíceis, é quase como a existência miserável do nosso povo em meio ao tumulto do mundo hostil. Josefina se afirma — esse nada de voz, esse nada de desempenho se afirma e abre caminho até nós: faz bem pensar nisso. Nessas ocasiões certamente não suportaríamos um verdadeiro artista do canto (se se encontrasse algum entre nós) — e recusaríamos a uma só voz a insensatez de uma apresentação desse tipo. Que Josefina seja poupada de saber que o fato de a escutarmos é uma prova contra o seu canto. Sem dúvida ela pressente isso, do contrário por que negaria com tanta veemência que a escutam? Mas ela continua a cantar e passa assobiando por cima desse pressentimento.

Fosse como fosse, porém, sempre haveria um consolo para ela: de certo modo nós a escutam realmente — e é provável que de maneira semelhante à que se ouve um artista do canto; ela consegue efeitos que ele se esforçaria em vão para obter de nós e que se devem justamente aos recursos insuficientes de Josefina. Sem dúvida isso está relacionado principalmente com o nosso estilo de vida.

Nosso povo não conhece a juventude e tem uma infância insignificante. É certo que aparecem regularmente exigências no sentido de que se garanta às crianças uma liberdade especial, uma proteção especial, seu direito a um pouco de despreocupação, a um pouco de travessura insensata, a um pouco de brincadeira — esse direito deve ser reconhecido e o seu exercício encorajado; essas pretensões surgem e quase todo mundo as aprova, não há nada que precisasse mais de aprovação, mas também não existe nada que na realidade da nossa vida se pudesse conceder menos: aprovam-se as exigências, fazem-se tentativas nesse sentido, mas logo tudo volta a ser como antes. Nossa vida é de tal ordem que uma criança, assim que consegue andar um pouco e discernir alguma coisa no meio que a circunda, precisa também cuidar de si mesma como um adulto; as regiões pelas quais precisamos viver espalhados por motivos econômicos são tão grandes, tantos os nossos inimigos e tão imprevisíveis os perigos que nos esperam em toda a parte, que não podemos manter as crianças afastadas da luta pela existência, pois se o fizéssemos, isso representaria seu fim prematuro. A estas tristes razões acrescenta-se sem dúvida também outra, considerável: a

fertilidade da nossa linhagem. Uma geração — todas são numerosas — empurra a outra, as crianças não têm tempo de ser crianças. Podem outros povos tratar seus filhos com esmero, construir escolas para os pequenos, podem sair delas todos os dias, em massa, as crianças — futuro do povo: durante muito tempo, dia após dia, são sempre as mesmas crianças que de lá saem. Não temos escolas, mas do nosso povo jorram, em intervalos brevíssimos, os bandos infinitos dos nossos filhos, chiando ou pipilando alegremente enquanto ainda não sabem assobiar, rodando ou, graças à pressão, rolando continuamente enquanto ainda não sabem andar, arrastando atabalhoadamente tudo por força da sua massa enquanto ainda não podem enxergar — nossos filhos! Não, como naquelas escolas, as mesmas crianças — não: sempre, sempre mais, elas são novas, sem fim, sem interrupção; mal aparece uma, já não é mais criança, já a pressionam por trás as novas caras infantis, indistinguíveis na sua multidão e na sua pressa, róseas de felicidade. Evidentemente, por mais belo que isso seja, e por mais que outros possam com razão nos invejar por isso, não podemos dar aos nossos filhos uma infância real. E este fato tem conseqüências. Uma certa infantilidade inextinguível, inerradicável, impregna nosso povo; em contraste direto com o que temos de melhor — o senso prático infalível — agimos muitas vezes de maneira completamente tola, como aliás é tolo o modo de agir das crianças: absurdo, pródigo, generoso, leviano, e tudo, tantas vezes, em nome de uma pequena brincadeira. E mesmo que a nossa alegria não possa, com isso, ter mais toda a força da alegria infantil — o que é natural —, certamente alguma coisa dela continua ainda vivendo. É desta infantilidade do nosso povo que desde o início Josefina também tira proveito.

Mas nosso povo não é só pueril, de certo modo ele também é prematuramente velho; em nós infância e velhice manifestam-se de forma diferente que nos outros. Não temos juventude, ficamos logo adultos, e continuamos então adultos por um tempo demasiadamente longo, vêm daí um certo cansaço e uma certa desesperança que atravessam com um vinco largo a essência no conjunto tão tenaz e cheia de esperança do nosso povo. Relaciona-se com isso, decerto, também a nossa amusicalidade; somos velhos demais para a música; sua excitação, seu enlevo, não se ajustam à

nossa gravidade e é com cansaço que nós a rejeitamos; recolhemo-nos ao assobio; para nós a medida certa é um pouco de assobio aqui e ali. Quem sabe haja talentos musicais entre nós; mas se houver, o caráter dos compatriotas os terá reprimido antes mesmo do seu desenvolvimento. Josefina, pelo contrário, pode cantar ou assobiar à vontade — qualquer que seja o nome que ela dê a esta ação — pois isso não nos perturba, corresponde à nossa maneira de ser, podemos suportá-lo bem; se contiver algo de música, então está reduzido à mais completa insignificância; conserva-se uma certa tradição musical, mas sem que isso nos cause o mínimo incômodo.

Ao povo animado por esses sentimentos, porém, Josefina traz mais coisas. Nos seus concertos, principalmente nas épocas difíceis, só os muito jovens têm interesse pela cantora como tal, só eles observam com assombro como ela encrespa os lábios, expele o ar por entre os graciosos dentes da frente, enlanguesce de admiração pelos sons que ela mesma produz e aproveita essa languidez para ficar estimulada a novas realizações, que se tornam cada vez mais incompreensíveis para ela; a multidão propriamente dita, no entanto — isso é fácil de reconhecer —, recolheu-se em si mesma. Aqui, nas escassas pausas entre as lutas, o povo sonha, é como se os membros do indivíduo se relaxassem, como se desta vez fosse permitido ao desassossegado se estender e se espreguiçar à vontade na cama grande e quente do povo. E nesses sonhos soa aqui e ali o assobio de Josefina; ela o chama de cintilante, nós o chamamos de destacado; mas de qualquer forma aqui ele está no lugar certo como em nenhuma outra parte, como raramente a música encontra o momento que a espera. Está contido nele algo da nossa infância pobre e breve, algo da felicidade perdida e nunca mais encontrada; mas nele se acha também alguma coisa da vida ativa dos dias de hoje — da sua vivacidade pequena, inconcebível, que no entanto existe e não pode ser extinta. E na verdade tudo isso é dito não em tom grandiloquente, mas com voz leve, sussurrada, confidencial, às vezes um pouco rouca. Naturalmente é um assobio. Como não? O assobio é a língua do nosso povo, só que alguns assobiam a vida inteira e não o sabem; aqui porém o assobio está liberado das cadeias da vida cotidiana e nos liberta também por um curto espaço de tempo. É evidente que não iríamos perder essas apresentações.

Mas daí até a afirmação de Josefina, de que nessas épocas ela nos dá novas

forças etc. etc., o caminho é muito longo. Isso no entanto vale para as pessoas comuns, não para os adutores de Josefina. “Como poderia ser diferente?” — dizem eles com desenvolta ousadia — “como se explicaria de outra forma a grande afluência, especialmente sob perigo iminente, e que algumas vezes já impediu até uma defesa satisfatória realizada em tempo contra esse mesmo perigo?” Bem, infelizmente, esta última observação é correta, mas não pertence aos títulos de glória de Josefina, principalmente quando se acrescenta que, nas ocasiões em que essas assembléias foram dissolvidas inesperadamente pelo inimigo e vários dos nossos tiveram que perder a vida, Josefina, que era a culpada de tudo, que talvez tenha até atraído o inimigo com o seu assobio, estava sempre na posse do mais seguro dos lugarzinhos e sob a proteção dos seus adeptos foi a primeira a desaparecer em silêncio e a toda pressa. Mas até isso no fundo todos sabem e entretanto ocorrem de novo quando Josefina, a seu critério, na vez seguinte, em alguma parte, não importa quando, se levanta para cantar. Daí se poderia concluir que Josefina está praticamente acima da lei, que lhe é permitido fazer o que quer, mesmo quando põe em perigo a comunidade, e que tudo lhe é perdoado. Se fosse assim, então as pretensões de Josefina seriam perfeitamente compreensíveis, de certa forma seria possível ver, nessa liberdade que o povo lhe concederia, nessa oferenda extraordinária, a ninguém mais assegurada, e que na verdade contraria as leis, uma confissão de que o povo — como ela afirma — não a entende, admira impotente a sua arte, não se sente digno dela, procura compensar a dor que lhe causa através de um desempenho francamente desesperado e, assim como a sua arte está além da sua capacidade de entendimento, coloca também a pessoa e os respectivos desejos fora do seu poder de mando. Ora, isso não é de modo nenhum verdadeiro, talvez haja indivíduos que capitulem rápido demais diante de Josefina, mas como o povo não capitula incondicionalmente diante de ninguém, também não o faz diante dela.

Desde há muito tempo, talvez desde o início da sua carreira artística, Josefina luta para ser liberada de qualquer trabalho, em consideração ao seu canto; devia ser aliviada da preocupação com o pão de cada dia e de tudo o mais que está ligado à nossa luta pela existência, o que provavelmente seria repassado ao conjunto do povo. Um entusiasta apressado — encontravam-se também alguns destes — poderia deduzir, já a partir da singularidade dessa

exigência — da mentalidade capaz de imaginá-la —, a sua legitimação interna. Mas o nosso povo tira outras conclusões e rejeita calmamente a exigência. Também não se empenha demais na refutação dos fundamentos do pedido. Josefina aponta, por exemplo, que o esforço do trabalho prejudica sua voz, que na verdade ele é pequeno em comparação com o esforço do canto, mas tira-lhe a possibilidade de descansar o suficiente depois e de renovar as energias para um novo recital; com isso ela tem que se esgotar por completo e nessas circunstâncias não pode nunca atingir o seu rendimento máximo. O povo a ouve e segue em frente. Embora fácil de comover, este povo às vezes não se deixa absolutamente tocar. A recusa em certas ocasiões é tão dura que até Josefina fica perplexa, parece se submeter, trabalha como se deve, canta o melhor que pode, mas tudo isso por um certo tempo, depois retoma a luta com forças renovadas — e neste caso elas parecem ilimitadas.

É claro que no fundo Josefina não aspira àquilo que exige literalmente. Ela é razoável, não tem medo do trabalho — entre nós não se conhece quem fuja ao trabalho; mesmo depois de aprovada a sua exigência, ela certamente não viveria de outra forma que não fosse a de antes, o trabalho não iria absolutamente impedir o seu canto e este de qualquer maneira também não se tornaria mais belo; o que ela almeja, portanto, é apenas o reconhecimento da sua arte: público, inequívoco, que sobreviva às épocas, que se eleve bem acima de tudo o que é conhecido até agora. Mas ao passo que quase todo o resto lhe parece alcançável, isto lhe é negado de modo obstinado. Talvez devesse ter dirigido o ataque logo de início numa outra direção; talvez agora reconheça o seu próprio erro, mas não pode mais recuar, o recuo significaria tornar-se infiel a si mesma; agora ela tem que permanecer em pé ou então cair com esta exigência.

Se ela realmente tivesse inimigos, como afirma, eles poderiam assistir a esta luta e se divertir sem mover um dedo. Mas Josefina não tem inimigos e mesmo que, aqui e ali, alguns levantem objeções contra ela, essa luta não diverte ninguém. Não fosse por outra coisa, porque o povo se mostra, aqui, na sua fria postura judicial — como aliás raramente se vê entre nós. E mesmo que, neste caso, alguém aprove essa atitude, a simples idéia de que o povo possa comportar-se contra ele de maneira semelhante exclui qualquer

alegria. Pois tanto na exigência quanto na recusa não se trata da coisa em si mesma, mas do fato de que o povo pode se fechar impenetravelmente contra um compatriota — tão mais impenetravelmente quanto, no resto, ele cuida desse mesmo companheiro de um modo paternal e, mais que paternal, humilde.

Se no lugar do povo estivesse um indivíduo, seria possível achar que esse homem cedeu o tempo todo a Josefina com o desejo contínuo e ardente de afinal acabar com a própria condescendência; que cedeu de modo sobre-humano na firme crença de que a concessão encontrará o limite certo, apesar de tudo; que cedeu mais do que era preciso, só para acelerar o processo, só para mimar Josefina e levá-la a desejos sempre novos, até que ela, finalmente, fez esta última exigência; aí decerto ele formulou a rejeição definitiva, de uma forma breve, porque há muito tempo preparada. Bem, é evidente que as coisas não são assim, o povo não precisa dessas artimanhas, além disso a veneração que ele tem por Josefina é honesta e provada e a exigência dela tão desmedida que qualquer criança inocente poderia prever-lhe o desfecho; apesar disso pode ser que na concepção de Josefina essas suposições desempenhem um papel e acrescentem amargura à dor da rejeitada.

Mas quaisquer que tenham sido suas suposições, ela não se deixa intimidar pela luta. Nos últimos tempos esta ficou inclusive mais ríspida; se até então ela a conduzia através de palavras, agora começa a empregar outros meios, que na sua opinião são mais eficazes e na nossa mais perigosos para ela mesma.

Muitos acreditam que Josefina se torna tão incisiva porque sente estar envelhecendo, a voz mostra fraquezas, e por isso lhe parece chegada a hora de travar a última batalha pelo seu reconhecimento. Não acredito nisso. Josefina não seria Josefina se isso fosse verdade. Para ela não existe nem envelhecimento nem enfraquecimento da sua voz. Quando exige alguma coisa, não é levada a isso por coisas exteriores, mas por uma lógica interna. Ela almeja a coroa máxima não porque no momento esta se encontre um pouco mais baixo, mas porque é a mais alta de todas; se estivesse no seu poder decidir, ela a penduraria mais alto ainda.

Esse desprezo pelas dificuldades exteriores não a impede, entretanto, de usar os meios mais indignos. Para ela seu direito está fora de dúvida; que

lhe importa, portanto, como o alcança; principalmente se neste mundo, tal como ela o concebe, justamente os meios dignos têm que malograr. Talvez por isso ela tenha deslocado a luta pelo seu direito da área do canto para outra que lhe é menos cara. Seus partidários puseram em circulação declarações dela, segundo as quais se sente perfeitamente capaz de cantar de uma tal forma que seria um prazer real para todas as camadas do povo, até para a mais recôndita oposição — prazer real não no sentido do povo, que afirma tê-lo desde sempre ao ouvir Josefina, mas no sentido das exigências dela. Acrescenta porém que, já que não pode falsear o elevado, nem bajular o comum, é preciso ficar como está. A coisa é diferente, no entanto, quando se trata da sua luta pela libertação do trabalho; na verdade é também uma luta pelo seu canto, mas aqui ela não combate de modo imediato com a arma preciosa do seu canto; portanto qualquer meio que ela empregue é suficientemente bom.

Assim, por exemplo, espalhou-se o rumor de que Josefina pretende — caso não cedam às suas reivindicações — encurtar os floreios. Eu não entendo nada de floreios, nunca notei no seu canto algo do gênero. Mas Josefina quer encurtá-los; por enquanto não quer suprimi-los, só encurtá-los. Presumivelmente concretizou a ameaça, para mim entretanto não saltou à vista nenhuma diferença em relação às suas apresentações anteriores. O povo, no conjunto, escutou como sempre, sem se pronunciar sobre os floreios, e o tratamento dado à exigência de Josefina também não mudou. De resto é inegável que existe em Josefina, tanto na sua figura como no seu pensamento, algo muito gracioso. Assim, por exemplo, ela explicou, depois daquela apresentação — como se a sua decisão sobre os floreios tivesse sido muito dura ou abrupta para o povo — que da próxima vez iria cantar novamente todos eles. Mas depois do concerto seguinte mudou de idéia outra vez: agora haviam terminado definitivamente os grandes floreios e, antes de uma decisão favorável a Josefina, eles não voltariam. Ora, o povo faz ouvidos moucos a todas essas explicações, decisões e contradecisões — como um adulto voltado para os próprios pensamentos ouve sem escutar a tagarelice de uma criança: no fundo benévolo, mas inacessível.

Mas Josefina não cede. Assim, por exemplo, afirmou recentemente que, durante o trabalho, sofreu um ferimento no pé, que lhe torna penoso ficar de pé durante o canto; mas como só pode cantar nessa posição, ela precisa

agora encurtar até as canções. Embora manque e se faça apoiar pelos seus adeptos, ninguém acredita num ferimento real. Mesmo admitindo a sensibilidade especial do seu corpinho, somos um povo de trabalhadores e Josefina também faz parte dele; mas se quiséssemos mancar por causa de qualquer arranhão na pele, o povo todo não poderia parar de mancar. Por mais que ela se deixe conduzir como uma aleijada, por mais que se mostre nesse estado deplorável com maior freqüência que antes, o povo escuta o seu canto agradecido e encantado como outrora; mas não faz muito barulho por causa do encurtamento das canções.

Como não pode andar sempre mancando, inventa alguma outra coisa: alega cansaço, mau humor, fraqueza. Temos pois, além do concerto, um espetáculo teatral. Atrás de Josefina vemos os partidários que pedem e imploram que ela cante. Ela gostaria de cantar, mas não pode. Consolam-na, cobrem-na de bajulação, quase a transportam para o local previamente escolhido onde deve cantar. Finalmente ela cede, com lágrimas indecifráveis, mas quando — evidentemente nas últimas — quer começar a cantar, exausta, os braços estendidos, não como de costume, mas pendendo sem vida ao longo do corpo, lance em que se tem a impressão de que talvez eles sejam um pouco curtos demais — quando ela vai dar o tom, eis que não é possível de novo, um meneio relutante de cabeça o anuncia e ela desmaia diante dos nossos olhos. Logo entretanto se recompõe e canta, creio eu, de maneira não muito diferente da habitual — se alguém tem o ouvido apurado para as nuances mais finas talvez distinga uma excitação um pouco excepcional, mas que só beneficia o canto. E no final ela está até menos cansada do que antes, com o andar firme — se é que se pode chamar assim os seus passinhos apressados — afasta-se, recusando qualquer ajuda dos acólitos e examinando com olhares frios a multidão que lhe abre caminho respeitosamente.

Assim foi nos últimos dias; mas a novidade mais recente é que, na hora em que estava sendo esperada para cantar, Josefina sumiu. Não só seus partidários a procuram; muitos outros também se apresentam para o trabalho de busca; tudo em vão; Josefina desapareceu, não quer cantar, não deixa nem mesmo ser requisitada; desta vez ela nos abandonou completamente.

É curioso como são equivocados os cálculos desta esperta criatura — tão equivocados que se poderia pensar que ela nem calcula, apenas continua a ser arrastada pelo seu destino, que no nosso mundo só pode se tornar muito triste. Esquiva-se por conta própria ao canto e por conta própria destrói o poder que conquistou sobre os corações. Como pôde conquistar esse poder, se conhece tão pouco esses corações? Ela se esconde e não canta, mas o povo, calmo, sem decepção visível, imperioso, uma massa que encontra em si mesma o equilíbrio e que, ao contrário das aparências, só pode dar presentes, jamais recebê-los, nem mesmo de Josefina, esse povo vai seguindo o seu caminho.

O de Josefina, porém, tem que ir ladeira abaixo. Chegará logo o tempo em que seu último assobio vai soar e emudecer. Ela é um pequeno episódio na história eterna do nosso povo e o povo vai superar a perda. Sem dúvida não será fácil para nós; como serão possíveis as assembléias em total mudez? Mas com Josefina elas também não eram mudas? Seu assobio real era significativamente mais alto e mais vivo do que a memória dele o será? Durante a existência dela foi ele mais que uma simples lembrança? Não será, antes, que o povo, na sua sabedoria, elevou tão alto o canto de Josefina porque desse modo ele não podia se perder?

Possivelmente, portanto, não sentiremos muita falta, mas Josefina, redimida da canseira terrena — a seu ver preparada para os eleitos — se perderá alegremente na incontável multidão dos heróis do nosso povo e em breve — uma vez que não cultivamos a história — estará esquecida, como todos os seus irmãos, na escalada da redenção.

A CONSTRUÇÃO

Instalei a construção e ela parece bem-sucedida. Por fora é visível apenas um buraco, mas na realidade ele não leva a parte alguma, depois de poucos passos já se bate em firme rocha natural. Não quero me gabar de ter executado deliberadamente essa artimanha, o buraco era muito mais o resto de uma das várias tentativas frustradas de construção, no final porém pareceu-me vantajoso deixá-lo destapado. Evidentemente, existem ardis que de tão finos liquidam a si mesmos, sei disso melhor que ninguém, e sem dúvida é temerário chamar a atenção, através do buraco, para a possibilidade de que aqui exista alguma coisa digna de ser investigada. Mas quem pensa que eu sou covarde ou que edifico minha construção por covardia me desconhece. A uns mil passos de distância desta cavidade localiza-se, coberta por uma camada removível de musgo, a verdadeira entrada da construção, ela está tão segura quanto algo no mundo pode ser seguro, certamente alguém pode pisar no musgo ou empurrá-lo para dentro, nesse caso a construção fica aberta, e quem tiver vontade — é bom que se note, no entanto, que para isso são necessárias certas aptidões pouco usuais — pode invadi-la e destruir tudo para sempre. Estou bem ciente disso, e mesmo agora, no auge da vida, não tenho uma hora de completa tranqüilidade, pois naquele ponto escuro do musgo eu sou mortal e nos meus sonhos muitas vezes ali fareja, sem parar, um focinho lúbrico. Pode-se achar que eu devesse realmente ter vedado a entrada, em cima com uma fina camada de terra firme e bem embaixo com solo fofo, de modo que não fosse tão trabalhoso para mim cavar sempre de novo a saída. Mas isso não é possível, justamente a precaução exige que eu tenha a possibilidade de uma saída instantânea, justamente a precaução exige, como o faz com tanta freqüência, o risco da vida. Tudo isso são cálculos bastante laboriosos e a alegria que a mente sagaz tem consigo mesma é algumas vezes o único motivo pelo qual se continua calculando. Preciso ter a possibilidade de uma saída imediata, pois apesar de toda a vigilância, não posso eu ser atacado por um flanco totalmente inesperado? Vivo em paz no mais recôndito da minha casa, e enquanto isso o adversário, vindo de algum lugar, perfura

lento e silencioso seu caminho até mim. Não quero dizer que ele tenha um faro melhor que o meu; talvez ele saiba tão pouco de mim quanto eu dele. Mas há salteadores apaixonados, que revolvem a terra às cegas e que, diante da amplitude da minha construção, alimentam a esperança de, em algum lugar, dar de encontro com uma das minhas trilhas. Naturalmente tenho a vantagem de estar em casa e conhecer com precisão todos os caminhos e todas as direções. O salteador pode facilmente tornar-se minha vítima — uma vítima suculenta. Mas estou envelhecendo, existem muitos que são mais fortes do que eu e meus adversários são incontáveis, poderia acontecer que, fugindo de um inimigo, eu caísse nas garras de outro. Ah, o que não poderia acontecer! Seja como for, preciso ter a garantia de que em alguma parte talvez exista uma saída fácil de alcançar, completamente aberta, onde, para me evadir, já não tenha mais de trabalhar, de tal modo que, enquanto estiver cavando desesperadamente, ainda que seja num aterro leve, eu não sinta de repente — que o céu me proteja! — os dentes do perseguidor nas minhas coxas. E não são apenas os inimigos externos que me ameaçam. Existem também os que vivem dentro do chão. Nunca os vi ainda, mas as lendas falam a seu respeito e eu creio firmemente nelas. São seres do interior da terra e nem a saga consegue descrevê-los. Até quem foi vítima deles mal pôde enxergá-los; eles chegam, ouve-se o arranhar das suas garras logo embaixo de si na terra, que é seu elemento, e já se está perdido. Aqui não importa que se esteja na própria casa, pois o fato é que se está na casa deles. Também aquela saída não me salva, como provavelmente ela não me salva em caso algum, antes me arruína, entretanto é uma esperança e eu não posso viver sem ela. Além dessa grande via, ligam-me com o mundo externo caminhos bem estreitos e razoavelmente sem perigo, que me proporcionam bom ar fresco para respirar. Eles foram instalados pelos camundongos da floresta. Consegui incorporá-los acertadamente à minha construção. Eles me oferecem a possibilidade de farejar à distância e assim me dão proteção. Através deles também chega a mim toda espécie de criaturinhas que eu devoro, de maneira que disponho de uma certa quantidade de caça pequena, suficiente para um estilo de vida modesto, sem ter de abandonar a minha construção — e isso é sem dúvida muito valioso.

Mas a coisa mais bela da minha construção é o seu silêncio. Certamente ele é enganoso. Pode ser interrompido de repente e então tudo se acabou.

Por enquanto, porém, ele ainda continua. Durante horas posso me esgueirar pelos meus corredores, sem ouvir outra coisa senão, algumas vezes, o zunido de algum bicho pequeno, que eu logo sossego entre os meus dentes, ou o escorrer da terra, que me aponta a necessidade de alguma reforma; de resto, tudo quieto. O ar da floresta sopra dentro, está ao mesmo tempo tépido e fresco. Às vezes eu me estiro no chão e rolo no corredor de puro bem-estar. É muito bom, para a velhice que se aproxima, ter uma construção assim e um teto quando o outono começa. A cada cem metros ampliei os corredores em pequenos cômodos redondos, neles posso me enrodilhar confortavelmente, me aquecer de encontro ao próprio corpo e descansar. Lá eu durmo o doce sono da paz, do desejo pacificado, do alvo atingido de possuir uma casa. Não sei se é um hábito dos velhos tempos ou se de fato os perigos desta casa são fortes o suficiente para me despertar: de tempos em tempos, regularmente me assusto e saio do sono profundo e fico escutando, escutando no silêncio que aqui reina inalterado dia e noite, sorrio tranqüilizado e mergulho com os membros relaxados num sono mais profundo ainda. Pobres andarilhos sem casa, nas estradas do campo, nas florestas, no melhor dos casos escondidos num monte de folhas ou na matilha dos camaradas, entregues aos estragos do céu e da terra! Estou aqui deitado num recinto garantido por todos os lados — há mais de cinquenta deles na minha construção — e entre o cochilo e o sono inconsciente passam-se as horas, que escolho para esse fim segundo o meu critério.

Pensada para o caso do perigo extremo, não de uma perseguição, mas de um cerco, a praça principal fica situada não exatamente no centro da construção. Ao passo que todo o resto talvez seja mais uma obra do juízo rigoroso que do corpo, esta praça do castelo é resultado do esforço mais sacrificado de todas as partes do meu físico. Algumas vezes, no exaspero do cansaço corporal, eu quis abandonar tudo, rolei de costas no chão e amaldiçoei a construção, arrastei-me para fora e deixei-a aberta. Podia fazer isso porque não desejava mais voltar para ela, até que horas ou dias depois eu regressava arrependido, quase erigia um canto à incolumidade da construção e com alegria sincera começava a trabalhar de novo. A faina na praça do castelo também se tornou desnecessariamente mais difícil (no sentido de que a construção não se beneficiou em nada com o trabalho inútil), porque logo no lugar onde, segundo os planos, deveria ficar o

burgo, a terra era solta e arenosa e teve de ser literalmente socada para formar a grande peça abobadada e redonda. Para essa obra eu dispunha apenas da testa. Com a testa, então, corri de encontro à terra durante dias e noites, milhares de vezes, e fiquei feliz quando o sangue jorrou, pois era uma prova do início da solidificação da parede, e, desse modo, como é preciso me conceder, fiquei merecendo minha praça.

Nesta praça do castelo reúno minhas provisões, acumulo aqui tudo o que capturo dentro da construção acima das necessidades do momento e tudo o que trago das minhas caçadas fora de casa. Ela é tão grande que as reservas para meio ano não a enchem. Em vista disso posso espalhá-las, andar no meio delas, brincar com elas, alegrar-me com a quantidade e os diferentes odores e ter sempre uma visão exata do que existe. Sou então capaz de empreender novos arranjos e, conforme a estação do ano, fazer as previsões necessárias e os planos de caça. Há épocas em que estou tão bem abastecido que, de indiferença pela comida, nem toco nas coisas miúdas que deslizam em volta, o que no entanto talvez seja imprevidente por outros motivos. A constante preocupação com preparativos de defesa determina que meus pontos de vista sobre o emprego da construção para esses fins se alterem ou evoluam, embora dentro de limites estreitos. Parece-me então muitas vezes perigoso basear a defesa inteiramente na praça do castelo, pois a multiplicidade da construção me oferece múltiplas possibilidades e soa mais conforme à prudência distribuir um pouco as provisões e abastecer com elas também certos lugares menores; assim, por exemplo, transformo cada terceiro recinto em local de provisão ou todo quarto lugar em reserva principal e todo segundo em reserva subsidiária e coisas do gênero. Ou para fins de despistamento, descarto vários caminhos da função de acumular víveres; ou escolho, salteado, apenas uns poucos lugares, segundo a posição que ocupam relativamente à saída principal. Qualquer desses novos planos exige, entretanto, um trabalho pesado de transporte, tenho de fazer novos cálculos e depois me ponho a arrastar a carga de um lado para outro. Sem dúvida, posso fazer isso com tranquilidade e sem pressa excessiva, e não é tão mau assim carregar as boas coisas na boca, repousar onde quero e beliscar justo aquilo que me apetece. Pior é quando, geralmente ao acordar assustado, me parece às vezes que a atual

distribuição é completamente falha, que ela pode provocar grandes perigos e precisa ser corrigida o mais rápido possível, sem consideração por sonolência e cansaço; aí eu me apresso, vôo, não tenho tempo para cálculos; porque quero executar um plano novo e exato, agarro arbitrariamente o que me vem aos dentes, arrasto, puxo, suspiro, gemo, tropeço, e qualquer mudança do estado presente, que eu julgo superperigoso, me satisfaz. Até que aos poucos, com o despertar pleno, vem a sobriedade e eu mal compreendo a afobação, respiro fundo a paz da minha casa, que eu mesmo perturbei, volto ao meu lugar de dormir, adormeço rápido com o cansaço renovado e, ao abrir os olhos, encontro ao acaso, como prova irrefutável do labor noturno, que então parece quase irreal, um rato pendendo das minhas mandíbulas. Depois há outras vezes épocas em que acho decididamente melhor estocar todas as provisões num único lugar. De que adiantam as reservas nos recintos pequenos, quanto é possível armazenar neles? Por mais que seja, atravanca o caminho e talvez me atrapalhe na defesa e na corrida. Além disso é estúpido, mas verdadeiro, que a autoconsciência sofre, quando não vê todas as provisões juntas e não percebe num único olhar aquilo que tem. E não se pode perder muita coisa em tantas distribuições? Não sou capaz de ficar galopando sem cessar pelos meus corredores e encruzilhadas para verificar se está tudo em ordem. A idéia básica de uma distribuição das provisões é sem dúvida correta, mas só quando se dispõe de vários locais do tipo da minha praça do castelo. Várias praças assim? Certamente! Mas quem consegue isso? A esta altura, elas não podem mais ser acrescentadas ao plano geral da construção. Quero conceder, porém, que aí existe uma falha, como de resto sempre há uma falha onde se possui um único exemplar de alguma coisa. E confesso também que, durante toda a construção, perdurou na minha consciência, de uma forma obscura mas bastante nítida — se eu tivesse tido boa vontade — a exigência de várias praças, eu não cedi a ela, sentia-me fraco demais para o mister gigantesco; sim, eu me sentia fraco demais para me dar conta da necessidade do trabalho, de alguma maneira me consolava com sentimentos não menos obscuros de que aquilo que, em qualquer outro caso, seria insuficiente, no meu, por exceção ou misericórdia, bastava — provavelmente porque a Providência estava particularmente interessada na preservação da minha testa, esse martelo-pilão. Assim, tenho apenas uma praça do castelo, mas os

sentimentos obscuros, de que esta não seria suficiente, se desvaneceram. Seja como for, tenho de me contentar com ela, os recintos pequenos não podem de maneira alguma substituí-la, e quando essa visão está amadurecida, recomeço a arrastar tudo de volta, deles para a praça do castelo. Por algum tempo, sinto um certo conforto em ter todos os cômodos e corredores livres, em ver como se acumulam na praça os montes de carne, que exalam até as passagens mais remotas a mescla dos vários odores, cada um dos quais me encanta a seu modo e que eu, à distância, sou capaz de distinguir com nitidez. Costumam então vir épocas especialmente pacíficas, em que transiro devagar, gradualmente, os meus lugares de dormir dos círculos mais distantes para o meio e mergulho cada vez mais fundo nos odores, a ponto de não agüentar mais — e uma noite me precipito sobre o castelo, abro com vigor espaço entre os víveres e me empanturo até o completo embotamento com as coisas de que mais gosto. Tempos felizes, mas perigosos; quem soubesse aproveitá-los poderia, sem risco, me aniquilar. Aqui também a falta de uma segunda ou terceira praça atua de modo prejudicial, pois é a enorme massa de mantimentos reunidos que me seduz. Procuo proteger-me de várias formas, na verdade a distribuição pelos recintos pequenos é uma dessas medidas, infelizmente ela leva, como outras semelhantes, a uma avidez ainda maior através da privação, a qual, atropelando o juízo, altera arbitrariamente os planos de defesa para atender às suas necessidades.

Depois desses períodos, tenho o hábito, para me recompor, de passar em revista a construção e, após empreendidas as melhoras necessárias, de abandoná-la algumas vezes, embora sempre por um prazo breve. A pena de me privar dela por muito tempo parece-me então dura demais, mas reconheço a necessidade de excursões temporárias. Sempre há uma certa solenidade quando me aproximo da saída. Nas épocas de vida caseira eu me desvio dela, evito até mesmo trilhar os últimos escaninhos do corredor que conduz a ela; não é fácil vaguear por ali, pois naquele lugar instalei um completo intrincado de corredores; lá teve início a minha construção, eu ainda não podia ter a esperança de concluí-la de acordo com o que estava no meu plano, comecei meio ludicamente naquele cantinho e assim se desencadeou lá a primeira alegria do trabalho numa construção labiríntica, que então me pareceu ser o coroamento de todas as edificações, mas que

hoje eu julgo de forma provavelmente mais correta como um jogo de armar mesquinho, pouco digno da construção geral e que teoricamente talvez seja delicioso — aqui está a entrada para a minha casa, disse eu na época, ironicamente, aos inimigos invisíveis, e vi-os todos sufocarem no labirinto — mas na realidade representa uma brincadeira vulnerável, que mal resistirá a um ataque sério ou a um inimigo que luta desesperadamente pela vida. Devo por isso reconstruir essa parte? Adio a decisão e a coisa na certa vai ficar como é. Sem falar no trabalho que exigiria de mim, ele seria também o mais perigoso que se pode imaginar. Outrora, quando iniciei a construção, podia trabalhar ali com relativa serenidade, o risco não era muito maior do que em qualquer outra parte, mas hoje significaria chamar quase voluntariamente a atenção do mundo para toda a construção, o que não é mais possível. Isso quase me alegra, já existe uma certa receptividade a esta obra de iniciante. E se acontecesse um grande ataque, que projeto de entrada poderia me salvar? A entrada pode enganar, desviar, torturar o agressor; esta também faz isso em caso de necessidade. Mas um ataque realmente grande eu preciso tentar rebater com todos os recursos do conjunto da construção e todas as forças do corpo e da alma — isso é evidente. Portanto, também essa entrada pode ficar aqui. A construção tem tantas fraquezas impostas pela natureza que ela pode conservar mais esta, criada pelas minhas mãos, embora só reconhecida posteriormente, mas de modo tão claro. Com tudo isso, decerto não está dito que esse defeito de tempos em tempos, ou talvez sempre, me inquieta. Quando nos meus passeios usuais me desvio desta parte da construção, isso acontece principalmente porque a visão dela me é desagradável, porque nem sempre quero examinar de perto uma falha do edifício, mesmo que ela transtorne demais minha consciência. Que o defeito continue existindo sem erradicação possível lá na entrada, mas que eu seja poupado da sua vista enquanto isso puder ser evitado. Se ando em direção a ela, mesmo separado por corredores e recintos, julgo entrar na atmosfera de um grande perigo, às vezes é como se meu pêlo rareasse, como se eu logo ficasse em carne viva e nesse momento fosse saudado pelo uivo dos meus inimigos. Sem dúvida esses sentimentos são provocados pela própria saída, onde cessa a proteção da casa, mas é também a construção da entrada que particularmente me

suplicia. Algumas vezes sonho que a reconstruí e modifiquei totalmente, rápido, com forças gigantescas, numa única noite, sem ser notado por ninguém, e que ela agora é indevassável; o sono em que isso acontece é o mais doce de todos; quando desperto, lágrimas de alegria e redenção ainda cintilam na minha barba.

Assim tenho de vencer, também fisicamente, o tormento deste labirinto quando saio, e é ao mesmo tempo exasperante e comovente quando me perco por um momento na minha própria criação e a obra parece se esforçar para provar a mim, cujo julgamento já está consolidado de longa data, o seu direito à existência. Mas então já estou debaixo da cobertura de musgo, que deixo crescer junto com o resto do chão da floresta — pois não me movo de casa por muito tempo — e agora é necessário apenas um empurrão com a cabeça e me vejo no exterior. Não ousa realizar logo esse pequeno movimento; se não tivesse de ultrapassar outra vez o labirinto da entrada, eu hoje, decerto, desistiria disso e voltaria ao ponto de partida. Como? Sua casa está protegida, fechada em si mesma. Você vive em paz, aquecido, bem alimentado, único senhor de um sem-número de corredores e recintos — e é de esperar que deseja não só sacrificar, mas em certa medida abandonar tudo? Na verdade, você tem a confiança de recuperar isso, mas não está se permitindo uma jogada alta demais? Existiriam motivos racionais para tanto? Não, para algo dessa natureza não pode haver motivos racionais. Nesse instante, porém, abro com cautela a porta do alçapão e já estou fora, deixo-a baixar cuidadosamente e corro o mais rápido que posso para longe do lugar traiçoeiro.

Não estou propriamente em campo aberto, na verdade não me comprimo mais pelos corredores, mas disparo em plena floresta e sinto em meu corpo forças novas para as quais, de certa maneira, não há espaço na construção, nem mesmo na praça do castelo, ainda que esta fosse dez vezes maior. Também a alimentação fora é melhor, a caça na realidade mais difícil, o êxito mais raro, mas o resultado em todos os sentidos superior — tudo isso não nego e consigo apreender e fruir pelo menos tão bem quanto qualquer outro, provavelmente muito melhor, uma vez que não caço como um vagabundo da estrada por leviandade ou desespero, mas com objetivo e calma. Também não estou destinado e entregue à vida livre: sei que meu tempo é medido, que não tenho de caçar interminavelmente aqui, mas que

de algum modo, se eu quiser e assim que estiver cansado da vida neste lugar, alguém, a cujo convite não poderei resistir, vai me chamar. E por isso posso degustar por completo este tempo e passá-lo sem preocupações, ou antes: poderia e no entanto não posso. A construção me ocupa muito a cabeça. Saí correndo da entrada, mas logo estou de volta. Procuo um bom esconderijo e vigio a entrada da minha casa — desta vez do lado de fora — durante dias e noites. Pode parecer tolo: isso me dá uma alegria indizível e me tranqüiliza. É como se não estivesse diante da minha casa, mas de mim mesmo dormindo e tivesse a felicidade de poder ao mesmo tempo dormir profundamente e me vigiar com brio. De certa maneira, tenho o privilégio de ver os fantasmas da noite não só no desamparo e na confiança bem-aventurada do sono, mas de encontrá-los também na realidade, em plena força da vigília e serena capacidade de julgamento. E descobro que, para mim, as coisas curiosamente não estão tão mal quanto muitas vezes acreditei e na certa vou acreditar quando descer à minha casa. Nesse sentido — também em outro, mas em particular neste — tais excursões são verdadeiramente indispensáveis. Sem dúvida, por mais cuidado que eu tenha tido na escolha de uma entrada afastada, o trânsito que ali se verifica é muito grande, quando reunidas as observações de uma semana; mas talvez seja assim em todas as regiões habitáveis, e provavelmente é até melhor expor-se a um grande movimento, que se desdobra em consequência da sua própria magnitude, do que estar sujeito, em plena solidão, ao primeiro intruso que aparece. Aqui há muitos inimigos e mais ainda cúmplices dos inimigos, mas eles também lutam uns contra os outros, e ocupados nisso passam correndo ao largo da construção. Em todo este tempo, nunca vi ninguém investigar logo na entrada, para a minha sorte e a dele, pois com certeza teria me atirado às cegas na sua garganta, temendo pela construção. Veio também, é claro, a espécie em cuja proximidade não ousou ficar e da qual eu teria de fugir assim que a pressentisse à distância: sobre o seu comportamento em relação à construção não poderia, na verdade, me pronunciar com segurança, mas para acalmar basta dizer que retornei em breve, não encontrei mais ninguém e a entrada estava ilesa. Houve épocas felizes em que quase confiei a mim mesmo que a inimizade do mundo contra mim talvez tivesse cessado ou amainado, ou que a força da construção me punha acima da luta de extermínio travada até então. Quem

sabe a construção proteja mais do que jamais pensei ou ousou pensar no seu interior. Chegou ao ponto que tive por vezes o desejo infantil de não voltar mais a ela, de me instalar aqui na vizinhança da entrada, de passar a vida a observá-la e de manter diante dos olhos — encontrando nisso a minha felicidade — o quanto a construção seria capaz de me oferecer uma sólida segurança, se eu estivesse nela. Ora, existe um sobressalto instantâneo que desperta dos sonhos infantis. Pois que segurança é essa que observo aqui? Posso, depois das experiências que realizo aqui fora, avaliar o perigo que corro dentro da construção? Os meus inimigos têm o faro certo, quando não estou nela? Certamente eles têm algum faro de mim, mas não todo. E muitas vezes não é a situação de faro pleno o pressuposto do perigo normal? São portanto apenas meias tentativas, ou um décimo das que aqui realizo, as que servem para me tranquilizar e através da falsa tranquilização me expõem ao perigo máximo. Não, eu não observo o meu sono como acreditava, antes sou eu quem dorme enquanto o destruidor vigia. Talvez ele esteja entre aqueles que se esgueiram desatentos pela entrada e sempre se certificam, não menos que eu, de que a porta ainda está inviolada e aguarda o seu ataque, e apenas passam por ela — ou porque sabem que o dono não se acha dentro, ou porque talvez tenham conhecimento de que ele espreita inocente na moita ao lado. E deixo meu posto de observação e me saturo da vida ao ar livre, para mim é como se eu não pudesse mais aprender aqui, nem agora nem depois. E tenho vontade de me despedir de tudo, de descer à construção e nunca mais voltar, deixando as coisas tomarem o seu curso e não as detendo através de observações inúteis. Mal acostumado, porém, por ter visto tanto tempo tudo o que se passou acima da entrada, é muito penoso para mim, agora, efetuar o procedimento de uma descida que faz alarde e não saber o que acontecerá em todo o espaço atrás das minhas costas e mais tarde atrás da porta do alçapão que outra vez se fecha. Primeiro, tento em noites de tempestade atirar rápido para dentro a presa, o que parece dar certo, mas se de fato deu, só se vai saber quando eu mesmo tiver descido, e isso se evidenciará não mais para mim — ou também para mim — tarde demais. Desisto, portanto, e não entro. Escavo, naturalmente a uma distância suficiente da entrada efetiva, uma cova experimental — ela não é mais comprida do que eu — também terminada numa cobertura de musgo.

Rastejo para dentro, tampo o fosso atrás de mim, espero com cuidado, calculo prazos mais curtos e mais longos em horas diferentes do dia, empurro então o musgo, saio e registro minhas observações. Faço as mais variadas experiências boas e más, mas não encontro uma lei geral ou um método infalível para a descida. Em consequência, ainda não desci pela entrada real e me desespero por ter de fazê-lo em breve. Não estou muito distante da decisão de ir para longe, de retomar a velha vida inconsolável que não tinha segurança alguma, que era uma só plenitude indiferenciada de perigos e que por isso não deixava ver e temer tão nitidamente o perigo isolado, como sempre me ensina o confronto entre a minha construção e a vida aqui fora. Sem dúvida, uma decisão como essa seria uma completa tolice, provocada tão-somente pela permanência demasiado longa na liberdade sem sentido; a construção ainda me pertence, tenho de dar apenas um passo e estou garantido. E me livro de todas as dúvidas e corro em linha reta no dia claro em direção à porta, evidentemente para levantá-la, mas não posso, ultrapasso-a e me atiro de propósito num espinheiro para me punir, punir por uma culpa que não conheço. Depois, entretanto, preciso dizer a mim mesmo que afinal estou certo e que é de fato impossível descer sem abrir mão francamente, pelo menos por um momento, da coisa mais cara que possuo, em favor de tudo que há em volta — no chão, nas árvores, no ar. E o perigo não é imaginário, mas bastante real. Não precisa ser propriamente um inimigo em quem eu excite a vontade de me seguir, pode muito bem ser algum inocente qualquer, algum serzinho repulsivo que, por curiosidade, vem atrás e assim, sem saber, se torna chefe do mundo contra mim; também não precisa ser isso, talvez seja, o que não é menos ruim — em mais de um sentido é o pior de tudo —, talvez seja alguém da minha espécie, um conhecedor e apreciador de construções, algum irmão da floresta, um amante da paz, não obstante um vagabundo brutal que quer morar sem construir. Se ele viesse agora, se descobrisse a entrada com a sua avidez imunda, se começasse a trabalhar lá para erguer o musgo, se conseguisse isso, se se introduzisse no meu lugar e já estivesse tão adiantado que o seu traseiro ainda emergisse um momento para mim, se tudo isso acontecesse, de modo que eu pudesse afinal partir em disparada atrás dele e, livre de qualquer consideração, pudesse saltar sobre ele, mordê-lo, dilacerá-lo, rasgá-lo, beber o seu sangue e atirar o seu cadáver

junto às outras presas, sobretudo porém — e isso seria o principal — se eu estivesse finalmente de novo na minha construção, então gostaria até de celebrar o labirinto, mas antes de mais nada gostaria de puxar sobre mim a cobertura de musgo e descansar, creio eu, pelo resto da minha vida. Mas ninguém chega e eu fico reduzido a mim mesmo. Continuamente às voltas com a dificuldade da coisa, perco muito da minha ansiedade, não evito mais a entrada de forma ostensiva, minha ocupação predileta fica sendo vagar em torno dela, é quase como se eu fosse o inimigo e espionasse a ocasião conveniente para invadi-la com êxito. Tivesse eu alguém em quem pudesse confiar, a quem pudesse colocar no meu posto de observação, então eu seria capaz de descer assegurado. Combinaria, com aquele em quem confio, que ele observasse exatamente a situação na hora da minha descida, e um longo período depois batesse na cobertura de musgo em caso de sinais de perigo, mas em caso contrário não. Com isso a situação estaria resolvida, não sobraria resíduo algum — no máximo o meu confidente. Pois se ele não exigir uma contraprestação, não irá pelo menos querer visitar a construção? Já isto — deixar espontaneamente alguém entrar nela — seria penoso ao extremo. Eu a construí para mim e não para visitantes, e acredito que não permitiria sua entrada; mesmo ao preço de que ele tornasse possível que eu descesse à construção, não o deixaria entrar. Não poderia de modo algum admiti-lo ali, pois ou eu teria de fazê-lo descer sozinho — e isso está fora de qualquer coisa imaginável — ou então precisaríamos descer ao mesmo tempo, o que anularia a vantagem, que ele deve me dar, de ficar observando atrás de mim. E a confiança? Será que posso acreditar, naquele em quem confio olho a olho, igualmente quando não o vejo e a cobertura de musgo nos separa? É relativamente fácil confiar em alguém que ao mesmo tempo se vigia ou pelo menos se pode vigiar; talvez seja até possível confiar em alguém à distância, mas do interior da construção, ou seja, a partir de um outro mundo, confiar plenamente em alguém de fora, eu julgo impossível. Essas dúvidas, porém, nem são necessárias, basta a reflexão de que, durante ou depois da minha descida à construção, os incontáveis acasos da vida podem impedir a pessoa em quem acredito de cumprir o seu dever — e que conseqüências imprevisíveis podem ter para mim seus mínimos impedimentos! Não, tudo resumido não preciso de jeito algum lamentar que estou sozinho e não tenho ninguém em quem possa confiar. Com isso não

perco seguramente nenhuma vantagem e é provável que me poupe prejuízos. Confiança só posso ter em mim mesmo e na construção. Deveria ter pensado nisso antes e tomado providências para o caso que agora tanto me ocupa. Pelo menos em parte, isso teria sido possível no início da construção. Eu precisaria ter disposto o primeiro corredor de tal forma que ele tivesse duas entradas separadas por uma distância conveniente, de maneira que eu descesse por uma entrada com a inevitável cerimônia, percorresse rápido a passagem inicial até a segunda entrada, lá abrisse um pouco a cobertura de musgo — que deveria ter sido instalada para corresponder a esse fim — e a partir dali procurasse dar conta da situação durante alguns dias e algumas noites. Somente assim teria sido certo. Na verdade, duas entradas duplicam o perigo, mas essa consideração precisaria ser silenciada, sobretudo porque a entrada que foi pensada apenas como posto de observação poderia ser bem estreita. E com isso me perco em reflexões técnicas, começo de novo a sonhar meu sonho de uma construção absolutamente perfeita, o que me acalma um pouco: de olhos fechados vejo com encanto possibilidades de construção claras e menos claras para entrar e sair sem ser notado.

Enquanto fico deitado e penso nisso, valorizo muito essas alternativas, mas apenas como conquistas técnicas, não como vantagens reais, pois o que quer dizer esse sair-e-entrar sem dificuldades? Ele aponta para o sentido instável, para a auto-avaliação incerta, para apetites sujos, más qualidades que se tornam muito piores em relação à construção, que ali permanece e é capaz de verter paz quando alguém se abre inteiramente a ela. Certamente estou agora fora dela e busco uma chance de retorno; para isso, os necessários dispositivos técnicos seriam muito desejáveis. Mas talvez não o sejam tanto assim. Na angústia nervosa do momento, não significa subestimar muito a construção, vê-la apenas como uma cavidade, para dentro da qual se quer rastejar com a maior segurança possível? Sem dúvida, ela é também essa cova segura ou deveria sê-lo, e quando imagino que estou no meio de um perigo, com os dentes cerrados e com toda a força da vontade quero que a construção não seja outra coisa senão o buraco destinado a salvar minha vida, e que ela realize essa tarefa claramente definida com a máxima perfeição — e nessa hora estou disposto a dispensá-la de qualquer outra

missão. Mas o fato é que na realidade — para a qual não se dá a atenção necessária em situações de grande perigo, embora justamente nos tempos de ameaça seja preciso aguçá-la — a construção oferece, com efeito, muita segurança, mas absolutamente não o suficiente; acaso cessam nela para sempre as preocupações? Elas são outras, mais altivas, mais ricas de conteúdo, o mais das vezes amplamente reprimidas, mas o seu efeito devorador é talvez igual ao das preocupações que a vida lá fora apresenta. Se eu tivesse feito a construção apenas para a segurança da minha vida, na verdade não estaria fraudado, mas a relação entre o trabalho monstruoso e a garantia efetiva, pelo menos até onde sou capaz de senti-la e até onde posso me beneficiar dela, não seria para mim uma relação favorável. É muito doloroso admitir isso, mas é preciso fazê-lo, precisamente diante da entrada, que agora se fecha — literalmente se enrijece — contra mim, o construtor e proprietário. Mas a construção não é mesmo apenas um buraco de salvação. Quando estou na praça do castelo, cercado pelas altas provisões de carne, a cara voltada para os dez corredores que dali partem, cada qual rebaixado ou erguido, reto ou arredondado, se ampliando ou se estreitando de acordo com o conjunto e todos igualmente silenciosos e vazios, e prontos cada um à sua maneira a me conduzirem aos vários recintos, também silenciosos e vazios — então a idéia de segurança fica distante, então sei exatamente que aqui está o burgo que conquistei ao chão recalcitrante com unhas e dentes, batidas de pé e golpes de cabeça, meu burgo que não pode de modo algum pertencer a qualquer outro e que é tão meu que aqui, afinal, posso calmamente receber do inimigo o ferimento mortal, pois o meu sangue se infiltra neste chão e não se perde. E que outra coisa além disso é o sentido das belas horas que, ora dormindo em paz, ora acordando alegre, costumo passar nos corredores — nestes corredores calculados exatamente para mim, para o espreguiçar confortável, o rolar infantil no chão, o deitar sonhando e o despertar bem-aventurado? E os recintos pequenos, cada qual tão familiar, mas que a despeito da inteira semelhança, eu diferencio nitidamente, de olhos fechados, pelo toque das paredes, e que me abraçam pacíficos e calorosos como nenhum ninho acolhe seu pássaro? E tudo, tudo silencioso e vazio.

Mas se é assim, por que então hesito, por que temo o intruso mais que a possibilidade de não rever nunca mais minha construção? Felizmente, a

última alternativa é impossível, não seria absolutamente necessário esclarecer, através de ponderações, o que a construção significa para mim: pertencemos um ao outro de tal modo que poderia me instalar tranqüilamente aqui, sossegado em meio a toda a minha angústia, não precisaria tentar me dominar para — contrariando todos os meus escrúpulos — abrir a entrada; bastaria que eu esperasse passivamente, pois nada nos pode separar por muito tempo, e de alguma forma eu vou acabar descendo. Quanto tempo, porém, correrá até esse instante, e quanta coisa pode ocorrer nesse interregno, tanto aqui em cima como lá embaixo? E, no entanto, só depende de mim encurtar esse lapso e fazer logo o que é preciso.

Então, já incapaz de pensar de tanta fadiga, com a cabeça pendente, pernas inseguras, meio dormindo, mais tateando que andando, me aproximo da entrada, levanto devagar o musgo, desço lentamente, por distração deixo a entrada aberta muito tempo sem necessidade, lembro-me então do que esqueci, subo outra vez para corrigir a falha, mas por que sair novamente? Tenho apenas de fechar a cobertura de musgo, muito bem, desço outra vez e afinal fecho-a. Só nesse estado, exclusivamente nesse estado, posso executar a tarefa. Fico então deitado debaixo do musgo, banhado de sangue e sucos de carne, em cima da presa que eu trouxe, e poderia começar a dormir o sono almejado. Nada me perturba, ninguém me seguiu, sobre o musgo parece estar calmo, pelo menos até agora, e, mesmo que não estivesse, acredito que não poderia me entreter neste momento com observações; mudei de lugar, do mundo de cima cheguei à minha construção e sinto logo o efeito dela. É um mundo novo, que oferece forças novas, e o que lá em cima é cansaço, aqui não vale como tal. Regressei de uma viagem, absurdamente esgotado da trabalheira, mas o reencontro com a velha habitação, a faina da instalação que me espera, a necessidade de, pelo menos na superfície, vistoriar rápido todos os recintos, sobretudo de avançar o mais depressa possível até a praça do castelo, tudo isso transforma a exaustão em inquietude e zelo, é como se eu tivesse dormido um sono longo e profundo no momento em que entrei na construção. A primeira tarefa é muito custosa e reclama toda a minha atenção: levar a caça pelos corredores estreitos e de paredes frágeis do labirinto. Com todas as minhas forças, faço pressão para a frente, sou bem-sucedido, mas para mim

é vagaroso demais; para acelerar, puxo para trás um pedaço dos montes de carne, venço-os por cima, através deles, agora tenho só uma parte da caça diante de mim, é mais fácil levá-la para a frente, mas estou de tal modo no meio da pletora de carne, aqui nestes corredores esguios, pelos quais nem sempre é fácil passar mesmo sozinho, que eu poderia sufocar nas minhas próprias provisões: às vezes só consigo me defender do seu volume comendo e bebendo. Mas o transporte dá certo, termino-o num tempo não muito longo, o labirinto está transposto, fico arfando num corredor de verdade, arrasto a presa por uma via de ligação para uma entrada principal, prevista especialmente para casos dessa natureza e que desce em declive forte até a praça do castelo. Agora não é mais um trabalho, tudo rola e escorre quase por si mesmo para baixo. Finalmente na minha praça do castelo, finalmente vou poder descansar! Continua tudo inalterado, não parece ter acontecido nenhuma desgraça maior, os pequenos estragos que noto à primeira vista serão logo reparados, antes porém a longa peregrinação pelos corredores, mas isso não é um esforço, é uma conversa com amigos, como nos velhos tempos ou — não sou tão velho; para muita coisa, porém, a memória já se turva por completo — como eu fazia ou então ouvi que costuma acontecer. Começo pelo segundo corredor, propositalmente devagar depois que vi a praça, tenho um tempo infinito — dentro da construção o tempo, para mim, é sempre infundável —, pois tudo que faço ali é bom e importante e de certo modo me sacia. Começo pelo segundo corredor e interrompo a inspeção na metade e passo ao terceiro corredor e me deixo levar de volta por ele à praça do castelo e, no entanto, tenho de retomar de novo o segundo corredor e assim brinco com o trabalho, aumento-o, rio sozinho, alegro-me e fico completamente zozinho com tanta atividade, mas não me desligo dela. Por sua causa, ó corredores e recintos, e sobretudo por suas perguntas, ó praça do castelo, eu vim, não dei nada pela minha vida, depois que, durante tanto tempo, tive a estupidez de tremer por causa dela e retardar o regresso a vocês. Que me importa o perigo, agora que estou com vocês! Vocês me pertencem, eu lhes pertencemos, estamos ligados, o que pode nos acontecer? Que a tropa se apinhe lá em cima e estejam preparados os focinhos que irão romper o musgo! E com sua mudez e seu vazio a construção também me saúda e reforça aquilo que digo.

Mas então me acomete uma certa modorra e, num recinto que figura entre os meus preferidos, eu me enrodilho um pouco, nem de longe ainda inspecionei tudo, quero entretanto continuar vistoriando até o fim, não desejo dormir, só cedo à sedução de me acomodar como se quisesse dormir, pretendo verificar se aqui isso funciona como antes. Tenho êxito, mas não consigo me libertar, e aqui permaneço em sono profundo.

Dormi longamente. Só sou despertado do último so-no, que dissolve a si mesmo; ele já deve ser muito leve, pois um zumbido quase inaudível me acorda. Compreendo imediatamente o que é: aquelas criaturinhas muito pouco fiscalizadas por mim, e por mim poupadas em excesso, perfuraram em algum lugar, na minha ausência, um novo caminho e este deu de encontro com uma trilha antiga, produzindo o ruído sibilante. Que gente incansavelmente ativa é essa, como é aborrecida sua aplicação ao trabalho! Escutando atentamente nas paredes do corredor, através de escavações experimentais, terei de determinar o local da perturbação e só aí poderei eliminar o ruído. De resto, a nova escavação, se de alguma maneira corresponder às proporções da construção, também pode ser bem-vinda como novo conduto de ar. Mas nas criaturinhas eu quero prestar muito mais atenção do que o fiz até agora, nenhuma delas deve escapar.

Uma vez que tenho bastante treino em investigações desse tipo, isso não vai durar muito tempo, posso começar logo, na verdade existem outros trabalhos por fazer, mas este é o mais urgente de todos, é preciso haver silêncio nos meus corredores. Aliás, esse ruído é relativamente inocente; quando cheguei, não o ouvi de modo algum, embora ele decerto já estivesse presente; tive de me reaclimatar inteiramente para escutá-lo, de certa maneira ele só é audível pelo ouvido do dono da casa. E não é nem mesmo contínuo, como costumam ser ruídos assim, ele faz grandes pausas, o que evidentemente se explica pelos congestionamentos da corrente de ar. Início a investigação, mas não consigo encontrar o local onde seria necessário intervir, faço algumas escavações, mas de maneira aleatória; naturalmente, disso não resulta nada: o grande trabalho de cavar e o trabalho ainda maior de tapar e nivelar são inúteis. Não me aproximo em absoluto da sede do ruído, invariavelmente fino ele soa em intervalos regulares, ora como assobio, ora como apito. Poderia também ignorá-lo provisoriamente, na verdade ele perturba muito, mas dificilmente poderia haver alguma dúvida

quanto à sua origem, tal como a assumo; portanto, ele não vai se avolumar quase nada, pelo contrário pode também acontecer (até agora, contudo, nunca esperei tanto) que, no correr do tempo, esses ruídos desapareçam por si mesmos com o trabalho continuado dos pequenos perfuradores; sem dizer que, muitas vezes, um acaso conduz fácil à pista do distúrbio, ao passo que a busca sistemática pode malograr por longo prazo. Assim, me consolo e gostaria de continuar vagueando pelos corredores e visitando os lugares, muitos dos quais nem mesmo revi e, nesse ínterim, pinotear um pouco na praça do castelo; mas não consigo, tenho de continuar procurando. Essas criaturinhas me custam muito, muito tempo, que poderia ser mais bem empregado. Nessas ocasiões, é geralmente o problema técnico que me atrai, por exemplo: a partir do ruído que meu ouvido tem a aptidão de distinguir em todos os matizes — a tal ponto que ele se torna claramente definível — imagino a sua causa e me ponho a verificar se isso corresponde à realidade. Com fundadas razões, pois enquanto não ocorre a constatação não posso também me sentir seguro, mesmo que fosse apenas o caso de saber para onde vai rolar um grão de areia que cai de uma parede. E nesse sentido, um ruído assim não é de forma alguma uma questão sem importância. Importante ou não, porém, por mais que procure não encontro nada, ou melhor: encontro demais. Justamente no meu lugar predileto isso precisava acontecer — penso comigo mesmo — afasto-me bastante dali, até quase o meio do caminho para o cômodo seguinte, na verdade é tudo uma piada, como se eu quisesse provar que não foi logo a minha praça preferida que me aprontou esta perturbação, mas sim que há interferências em outras partes; e começo a escutar sorrindo, mas paro logo de sorrir, pois também aqui existe efetivamente um zumbido igual. Não é nada, julgo eu às vezes, ninguém além de mim o ouviria, sem dúvida eu o escuto, agora cada vez mais nítido, com o ouvido aguçado pelo treino, embora na realidade seja o mesmo ruído por toda parte, conforme posso me convencer através da comparação. Ele também não fica mais forte, como reconheço quando presto atenção no meio do corredor, sem auscultar diretamente na parede. Então só com esforço, ou mergulhado na escuta posso, uma vez ou outra, mais adivinhar do que ouvir o sopro de um som. Mas precisamente essa uniformidade em todos os lugares é que mais me incomoda, já que ela não coincide com a minha suposição original. Se eu tivesse acertado no motivo

do ruído, ele teria de se irradiar com o máximo volume a partir de um lugar determinado, que seria necessário descobrir, tornando-se depois cada vez menor. Mas se a minha explicação não era exata, qual então seria? Persistia ainda a possibilidade de existirem dois centros de ruído, até agora eu os escutava à distância, se me aproximasse de um deles, os ruídos na verdade aumentariam, mas em decorrência da diminuição dos ruídos do outro, o resultado geral para o ouvido sempre permaneceria aproximadamente o mesmo. Enquanto escutava com rigor, já estava quase acreditando perceber, embora de modo muito vago, diferenças de som que correspondiam à nova hipótese. Em todo caso, tive de ampliar a área de pesquisa muito mais do que até então. Por causa disso, desço o corredor até a praça do castelo e começo a escutar lá. Estranho, ruído igual também aqui. Bem, ele é produzido pelas escavações de certos animais insignificantes, que utilizaram de forma infame o tempo da minha ausência; seja como for, estão longe de uma intenção dirigida contra mim, ocupam-se apenas com a sua obra e, enquanto não encontram um obstáculo no caminho, mantêm a direção já tomada; tudo isso eu sei, embora seja incompreensível para mim, me excite e confunda o juízo — tão necessário ao trabalho — o fato de que eles tenham ousado se aproximar da praça do castelo. Nesse sentido, não quero fazer distinções: foi a profundidade considerável em que se acha a praça, foi sua grande extensão e o forte movimento de ar correspondente — capaz de assustar os perfuradores — ou foi simplesmente a circunstância de terem localizado o castelo por meio de notícias que penetraram seus sentidos embotados? De qualquer maneira, até agora eu não havia observado escavações nas paredes da praça do castelo. Na verdade, vieram para cá animais em multidões, atraídos pelas exalações poderosas, e neste lugar eu tive minha caça constante: de algum ponto lá em cima, eles cavaram o seu caminho para os corredores e desceram até aqui, oprimidos porém incapazes de resistir à tentação. Agora, entretanto, fazem suas perfurações também nos corredores. Se eu ao menos tivesse concretizado os planos mais importantes da minha juventude e mocidade, ou antes, tivesse tido a força para executá-los, pois vontade não faltava! Um desses projetos prediletos era isolar a praça do castelo da terra circundante, isto é, deixar suas paredes numa espessura equivalente a mais ou menos minha estatura e, além disso,

criar um espaço vazio na extensão do muro em volta, até um pequeno alicerce infelizmente não destacável da terra. Nesse espaço vazio sempre imaginei, não sem razão, a mais bela morada que podia existir para mim. Pender sobre a curva da parede, puxar o corpo para cima, deslizar para baixo, dar uma cambalhota e sentir outra vez o chão sob os pés, realizar todos esses jogos literalmente em cima da praça do castelo e, no entanto, fora do espaço do seu corpo; poder evitá-la, poder deixar os olhos descansarem dela, adiar para outra hora a alegria de vê-la e, apesar disso, não ter de se abster dela, mas segurá-la firme nas garras, algo impossível quando se tem apenas uma entrada comum aberta até ela; sobretudo, porém, poder vigiá-la, ficar recompensado da privação da sua vista, de tal modo que, quando se tivesse de escolher entre a permanência na praça do castelo ou no espaço vazio, se escolhesse este para toda a vida, ali circulando sempre, de cima para baixo — protegendo-a. Não haveria, então, ruídos nas paredes, perfurações insolentes até a praça: lá a paz estaria assegurada e eu seria sua sentinela, não teria de ficar escutando com repulsa as escavações das criaturinhas, mas sim ouvindo deliciado aquilo que agora me foge completamente: o sussurro do silêncio na praça do castelo.

Mas toda essa beleza não existe e eu preciso ir ao trabalho, quase contente com o fato de que ele está em conexão direta com a praça do castelo, pois isso me anima. Naturalmente, como se evidencia cada vez mais, necessito de todas as minhas forças para essa tarefa que, a princípio, parecia totalmente insignificante. Ausculto agora as paredes da praça e, onde quer que ouça, no alto e embaixo, nas paredes ou no chão, nas entradas ou no interior, por toda parte o mesmo ruído. E quanto tempo, quanta tensão exige essa escuta prolongada do rumor e suas pausas! Se se quiser, pode-se encontrar um pequeno consolo, que serve à ilusão, na circunstância de que, aqui na praça do castelo, diferentemente do que acontece nos corredores, por causa do tamanho desta, não se ouve nada quando se afasta o ouvido do solo. Só para repousar e refletir, faço freqüentemente essa experiência, escuto com atenção e fico feliz por não ouvir nada. Mas, de resto, o que aconteceu? Diante desse fenômeno, minhas primeiras explicações fracassam inteiramente. Tenho porém de rejeitar outras, que também se apresentam a mim. Seria possível pensar que aquilo que ouço são as próprias criaturinhas

trabalhando. Isso, contudo, contrariaria todas as experiências: aquilo que nunca ouvi, embora sempre tivesse existido, eu não posso de repente começar a ouvir. Talvez minha sensibilidade às perturbações tenha se tornado maior com os anos, mas a audição de jeito algum ficou mais aguçada. Com efeito, a essência das criaturinhas consiste no fato de que não é possível ouvi-las. Eu as teria tolerado, se fosse de outro modo? Mesmo correndo o perigo de morrer de fome, eu as exterminaria. Talvez porém — essa idéia também se insinua em mim — se trate, no caso, de um animal que ainda não conheço. Seria possível. Na verdade, observo desde há muito tempo, e com bastante cuidado, a vida cá embaixo, mas o mundo é múltiplo e nunca faltam as surpresas desagradáveis. Contudo, se não fosse um único animal, teria de ser um grande magote, que de repente caiu na minha área — uma chusma de pequenos bichos, que na verdade estão acima das criaturinhas, uma vez que são audíveis, mas que as ultrapassam apenas um pouco, visto que, tomado em si mesmo, o barulho do seu trabalho é reduzido. Seriam, portanto, animais desconhecidos, um bando que migra, que pura e simplesmente passa, que me perturba, mas cuja marcha logo termina. Sendo assim, eu poderia esperar e, afinal de contas, não precisaria fazer um trabalho supérfluo. Mas se são animais desconhecidos, por que não consigo vê-los? Já fiz muitas escavações para agarrar um deles, porém não encontro nenhum. Ocorre-me que talvez sejam seres minúsculos, muito menores do que aqueles que eu conheço, e que somente o ruído que fazem é maior. Por causa disso, investigo a terra escavada, atiro ao ar os torrões, para que eles se desfaçam nas menores partículas; os provocadores de barulho, entretanto, não estão ali. Aos poucos, percebo que não obtenho nada com essas pequenas escavações ao acaso, apenas revolvo as paredes da minha construção, raspo com pressa aqui e ali, não tenho tempo de tapar os buracos, em muitos lugares já existem montes de terra que obstruem o caminho e a vista. Evidentemente, tudo isso só me atrapalha em segundo plano; agora não posso nem vaguear, nem fazer revista, nem descansar; várias vezes adormeci no trabalho, por um tempinho, em algum buraco, uma pata cravada na terra em cima, da qual queria no último meio-sono arrancar um pedaço. Agora vou mudar de método. Abrirei um grande, autêntico fosso na direção do ruído e não paro de cavar antes de descobrir, independentemente de qualquer teoria, a causa real do ruído. Vou então

eliminá-lo, se isso estiver ao alcance da minha força, mas se não, terei pelo menos certeza. Ela me trará sossego ou desespero: seja este ou aquele, será indubitável e legítimo. A decisão me faz bem. Tudo que fiz até agora me parece apressado demais; na excitação da volta, quando ainda não estava livre das tribulações do mundo lá de cima, nem plenamente recolhido à paz da construção, supersensível por ter precisado me abster dela durante tanto tempo, deixei-me levar à completa confusão por um fenômeno reconhecidamente estranho. O que é ele? Um leve zumbido, audível apenas em longas pausas, um nada ao qual não quero dizer que se pudesse acostumar; não, não se poderia acostumar com isso, mas seria possível observá-lo por um certo tempo, sem empreender de imediato alguma coisa contra ele, ou seja, a cada par de horas, ouvir de vez em quando e registrar o resultado com paciência; portanto, não como eu fiz, deslizar o ouvido ao longo das paredes e toda vez que o ruído é escutado, rasgar a terra — na realidade, não para descobrir alguma coisa, mas para fazer algo que corresponda ao desassossego interior. Agora isso vai mudar, espero. De olhos fechados, porém, furioso comigo mesmo, tenho de admitir que não espero nada, pois tremo de inquietude, exatamente como há algumas horas, e se o juízo não me impedisse, eu provavelmente começaria a escavar em algum lugar, não importa se para ouvir ou não — estúpido, obstinado, só pelo gosto de cavar, quase como as criaturinhas que furam o solo sem sentido algum, ou então porque comem terra. O plano novo e racional me atrai e não me atrai. Não há nada a objetar contra ele, pelo menos eu não tenho objeção nenhuma; até onde vejo as coisas, ele tem de levar ao objetivo. E, apesar disso, no fundo eu não acredito nele, creio nele tão pouco, que não temo nem mesmo os possíveis sustos do seu resultado — até num resultado assustador eu não creio. Com efeito, parece que desde a primeira aparição do ruído estive cogitando num fosso conseqüente como esse, e só não o iniciei até agora porque não tenho confiança para tanto. A despeito disso, naturalmente, vou dar início a ele, não me resta nenhuma outra possibilidade, mas não começarei logo, vou adiar um pouco o trabalho. Se o bom senso voltar ao lugar, pode acontecer que eu não me precipite nessa tarefa. Seja como for, quero antes reparar os estragos que causei à construção com as minhas perfurações; não custará pouco tempo,

mas é necessário; se o novo fosso levar realmente a um objetivo, ele provavelmente será longo, e se não conduzir a alvo nenhum, será interminável; de qualquer maneira, esse trabalho representa um distanciamento maior da construção, mas não tão mau quanto aquele no mundo de cima; posso interromper o serviço quando quiser e passar em casa, e mesmo que não faça isso, o ar da praça do castelo soprará até mim e me envolverá enquanto trabalho; não obstante, significa um afastamento da construção e a entrega a um destino incerto, por isso quero deixá-la bem em ordem; não deve constar que eu, que luto pelo sossego, o perturbei eu mesmo e não o restabeleci logo. Começo, então, a remover a terra de volta aos buracos, serviço que conheço bem, que vezes sem conta realizei, sem a consciência de estar fazendo um trabalho, e que sou capaz de levar a cabo de modo insuperável, especialmente no que diz respeito à última pressão e acabamento — o que decerto não é um mero auto-elogio, mas simplesmente a verdade. Mas desta vez será difícil para mim, estou muito distraído, no meio do trabalho constantemente comprimo o ouvido na parede, escuto e deixo, indiferente, a terra que a meus pés mal foi levantada, rolar de novo pelo declive. Quase não posso executar as últimas obras de embelezamento que exigem uma atenção maior. Ficam sobrando protuberâncias feias, rachaduras incômodas, sem dizer que, no geral, o aprumo antigo de uma parede tão remendada não quer se recompor. Tento me consolar com o fato de que é apenas um serviço provisório. Quando eu voltar e a paz estiver restaurada, vou corrigir tudo definitivamente, num instante se fará tudo. Sim, nos contos de fadas tudo acontece instantaneamente e esse consolo também faz parte dos contos de fadas. Seria melhor realizar já o trabalho perfeito, muito mais proveitoso que interrompê-lo sempre, pôr-se a vaguear pelos corredores e identificar novos pontos de ruído, o que na verdade é muito fácil, pois não exige nada mais que ficar parado num posto qualquer e escutar. E faço outras descobertas inúteis. Às vezes me parece que o ruído cessou, de fato ele faz longas pausas, não se repara mais no zumbido, o próprio sangue pulsa demais no ouvido, depois se juntam duas pausas numa só e por um momento se crê que o zumbido terminou de vez. Continua-se sem escutar, dá-se um pulo, a vida toda sofre uma reviravolta, é como se a fonte da qual flui o silêncio da construção se abrisse. Evita-se testar logo a descoberta, procura-se antes alguém a quem se possa confiá-la

de boa-fé, por isso galopa-se até a praça do castelo, recorda-se — uma vez que se despertou para a nova vida com tudo aquilo que se é — que já há muito tempo não se come nada, arranca-se alguma coisa das provisões meio escondidas sob a terra e ainda se engole um pedaço enquanto se regressa ao local da incrível descoberta; só de passagem, só superficialmente, é que se deseja, enquanto se come, convencer-se outra vez da coisa, escuta-se, mas a escuta passageira mostra logo que se errou vergonhosamente: à distância, o zumbido prossegue inabalável. Cospe-se a comida, a vontade é de bater com os pés no chão, volta-se ao trabalho, não se sabe para qual; em alguma parte, onde parece ser necessário — e há bastantes lugares assim — começa-se a fazer mecanicamente alguma coisa, como se o inspetor tivesse chegado e fosse preciso representar uma comédia para ele. Mas, mal se trabalhou um instante desse jeito, pode acontecer que se faça uma nova descoberta. O ruído dá a impressão de ter ficado mais forte, naturalmente não demais, trata-se sempre das diferenças mais sutis, mas sem dúvida um pouco mais forte e nitidamente apreensível pelo ouvido. E este avolumar-se é semelhante a um aproximar-se; mais distinto que o próprio aumento do volume, vê-se literalmente o passo com o qual se chega mais perto. Salta-se para trás diante da parede, tenta-se abarcar com o olhar todas as possibilidades que essa descoberta trará consigo. Tem-se o sentimento de que, na verdade, nunca se instalou a construção para a defesa contra um ataque; a intenção existiu, mas, contrariamente a qualquer experiência de vida, o perigo de um ataque e, conseqüentemente, os dispositivos de defesa, pareciam remotos — ou então (como seria isso possível?) não propriamente remotos, mas situados num plano inferior em relação às instalações para uma vida pacífica, às quais, por esse motivo, se deu preferência em toda parte. Muita coisa nessa direção poderia ter sido providenciada sem atrapalhar o plano básico, tudo isso foi posto de lado de uma maneira incompreensível. Em todos esses anos tive muita sorte, a sorte me estragou, estive intranquilo, mas a intranquillidade dentro da sorte não leva a nada.

O que teria de ser feito agora, na verdade, seria vistoriar a construção em detalhe no que concerne à defesa e todas as suas possibilidades imagináveis; elaborar um plano de defesa e de construção correspondente e, logo em seguida, iniciar o trabalho, lépido como um jovem. Esta seria a tarefa necessária — para a qual, diga-se de passagem, evidentemente é tarde

demais; esta a labuta indispensável e não, de modo algum, a escavação de um grande fosso experimental, que de fato só teria por objetivo me transferir indefeso, com todas as minhas energias, para a procura do perigo, no tolo temor de que este não chegará logo por si mesmo. Subitamente não entendo meu antigo plano. Não encontro, no que antes era razoável, o mínimo juízo, outra vez deixo o trabalho e abandono também a escuta, não quero agora descobrir novos aumentos de volume, estou saturado de descobertas, ponho tudo de lado, já estaria satisfeito se apaziguasse o conflito interior. Novamente me deixo levar pelos meus corredores, chego àqueles mais longínquos, ainda não vistos por mim desde a minha volta e ainda completamente intocados pelas minhas patas — e cujo silêncio desperta à minha chegada e mergulha sobre mim. Não me entrego, acelero o passo, não sei o que procuro, provavelmente só um adiamento. Erro pelo caminho até atingir o labirinto da entrada, atraí-me ouvir junto à cobertura de musgo; coisas distantes prendem o meu interesse — distantes para o momento. Subo até em cima e fico escutando. Silêncio profundo; como é belo aqui, ninguém se preocupa com a minha construção, todos têm seus interesses, nenhum deles está relacionado comigo, como é que cheguei a isso? Na cobertura de musgo talvez seja o único lugar da minha construção onde posso agora ficar escutando sem registrar nada. Completa inversão da situação: o que até então era um local de ameaça, na construção, se tornou lugar de paz, ao passo que a praça do castelo foi arrastada para o barulho do mundo e dos seus perigos. Pior ainda, também aqui, na realidade, não existe paz, nada aqui mudou: silencioso ou agitado, o perigo espreita, como antes, em cima do musgo, mas eu fiquei insensível em relação a ele, fui solicitado demais pelo zumbido nas paredes. Solicitado? Ele se torna mais forte, chega mais perto, eu serpenteio pelo labirinto e acampo aqui no alto, embaixo do musgo; é quase como se abandonasse a casa ao zumbidor, satisfeito por ter um pouco de sossego neste lugar. Ao zumbidor? Porventura tenho uma nova opinião definida sobre a causa do ruído? Mas este não deriva dos sulcos que as criaturinhas cavam? Não é esta a minha posição? Parece que ainda não me aparteí dela. E se o ruído não deriva diretamente dos sulcos, então ele o faz, de algum modo, indiretamente. Caso não tenha a menor relação com eles, nada pode ser assumido de antemão e

é preciso esperar até que talvez se descubra a causa, ou ela mesma se manifeste. Certamente seria possível, ainda agora, lidar com hipóteses; por exemplo, dizer que, em algum ponto distante, houve uma invasão de água e que aquilo que me parece zumbido ou assobio seria, na verdade, um murmúrio. Abstraindo-se, porém, o fato de que não tenho nenhuma experiência nesse sentido — desviei logo a água subterrânea que encontrei e ela não voltou a este solo arenoso — abstraindo-se isso, é um zumbido e não pode ser tomado por um murmúrio. Mas de que servem todas as exortações à calma? A imaginação não quer se deter e efetivamente eu insisto em acreditar — inútil negar isso a mim mesmo — que o zumbido vem de um animal, na verdade não de muitos e pequenos, mas de um único e grande. Muita coisa depõe contra a afirmação de que o ruído possa ser ouvido em toda parte, sempre no mesmo volume e, além disso, regularmente dia e noite. Decerto seria necessário, primeiro, inclinar-se a admitir muitos animais pequenos; uma vez, porém, que eu deveria tê-los descoberto nas minhas escavações e não encontrei nada, só resta a hipótese da existência do animal grande, sobretudo porque as coisas que parecem contradizer esta suposição são as que tornam o bicho, não impossível, mas sim perigoso além do concebível. Só por isso me defendi contra essa hipótese. Ponho de lado o auto-engano. Já há muito tempo lido com a idéia de que ele é ouvido a grandes distâncias, porque trabalha furiosamente e cava o chão tão célere como alguém que passeia ao ar livre; a terra treme com a escavação mesmo quando esta já terminou; o tremor que perdura e o ruído do próprio trabalho unem-se na distância e eu, que só percebo a última vaga do barulho, ouço-o igual por toda parte. Contribui para tanto o fato de que o animal não está vindo na minha direção, por esse motivo o ruído não se altera, mais que isso, existe um plano cujo sentido me escapa, considero apenas que o bicho me cerca — não quero afirmar com isso que ele saiba de mim — e que já deve ter traçado alguns círculos em torno da minha construção desde que o observo. O tipo de barulho, o zumbido ou assobio, me dá muito o que pensar. Quando eu arranho e raspo a terra a meu modo, ouve-se coisa muito diferente. Só posso explicar o zumbido pelo fato de que a principal ferramenta do animal não são as garras, mas o focinho ou a tromba, que, além da sua força descomunal, de alguma maneira também são afiados. Provavelmente ele enfia, com um único e

poderoso golpe, a tromba na terra e arranca um grande pedaço, nessa hora não ouço nada — é a pausa — mas depois aspira o ar outra vez para uma nova investida. A inspiração de ar, que deve provocar um estrondo de estremecer a terra, não só por causa do vigor do animal, mas também da sua pressa e do seu zelo no ofício, é o ruído que eu depois ouço como leve zumbido. Continua, contudo, totalmente incompreensível para mim sua capacidade de trabalhar sem descanso: talvez as pequenas pausas contenham a possibilidade de um repouso mínimo, mas ao que parece ainda não se chegou ao ponto de uma folga realmente longa: ele escava dia e noite, sempre com a mesma energia e frescor; tendo diante dos olhos o plano a ser executado o mais depressa possível, ele possui todas as aptidões para concretizá-lo. Um adversário como esse eu não podia esperar. Deixando de lado, porém, suas peculiaridades, ocorre agora algo que, na verdade, eu deveria sempre ter receado, algo contra o que eu deveria sempre ter tomado precauções: *alguém está se aproximando!* Como é que, durante tanto tempo, tudo correu calmo e feliz? Quem guiou os caminhos dos inimigos, para que eles seguissem um amplo arco de desvio da minha propriedade? Por que fui tanto tempo protegido, para agora ficar tão assustado? O que eram, diante deste, os pequenos perigos sobre os quais passei o tempo pensando? Será que eu esperava, como proprietário da construção, ter supremacia sobre todo aquele que se aproximava? Justamente por ser possuidor desta grande obra suscetível é que eu permaneci inerte contra qualquer ataque mais sério. A felicidade da posse me estragou, a vulnerabilidade da construção me tornou vulnerável, os ferimentos dela me doeram como se fossem meus. Eu precisaria ter antecipado isso e, ao invés de ficar cogitando da minha própria defesa — como o fiz superficialmente e sem resultado —, deveria ter pensado na defesa da construção. Sobretudo, deveria ter tomado providências para que setores dela — o maior número possível —, quando atacados por alguém, fossem isolados, por entulhos obteníveis no prazo de tempo mais curto, das regiões menos ameaçadas — isolados, na verdade, por massas de terra tais, e com tamanha eficácia, que o agressor nem mesmo suspeitasse de que, atrás delas, estava a construção propriamente dita. Mais ainda, esses aluviões deveriam ser capazes não só de protegê-la, mas também de soterrar o atacante. Não fiz o menor movimento na direção de algo assim; nada,

absolutamente nada, aconteceu nesse sentido, fui leviano como uma criança, consumi os anos da minha mocidade com jogos pueris, até mesmo com as idéias de perigo eu só brinquei: perdi a oportunidade de refletir realmente sobre perigos reais. E advertências é que não faltaram.

Obviamente não ocorreu nada que se igualasse à situação presente; no entanto, houve algo parecido no início da construção. A principal diferença é que eram os primeiros tempos da obra... Na época eu ainda trabalhava, literalmente como pequeno aprendiz, no primeiro corredor, o labirinto estava projetado apenas nas suas grandes linhas, eu já havia escavado uma pequena praça, mas fracassara tanto na extensão quanto no tratamento das paredes; em suma, tudo estava de tal forma no princípio que aquilo só podia valer como tentativa — como algo que, se a paciência acabasse, poderia ser abandonado, de repente e sem muito pesar. Sucedeu então que, numa pausa do trabalho — na minha vida sempre fiz pausas demais —, eu estava deitado entre os meus montes de terra e subitamente ouvi um ruído à distância. Jovem como era, fiquei mais curioso do que amedrontado com aquilo. Larguei o serviço e me pus a escutar — seja como for, eu escutava e não ia correndo para baixo da cobertura de musgo, a fim de lá esticar o corpo sem ter de prestar atenção. No mínimo ficava ouvindo. Podia discernir bastante bem que se tratava de alguma escavação semelhante à minha, ela tinha um som um pouco mais fraco, mas eu não era capaz de saber quanto, no caso, devia ser atribuído à distância. Embora ansioso, no geral permaneci frio e calmo. Talvez eu esteja em alguma construção alheia e o dono agora cave o seu caminho até mim, pensei comigo mesmo. Se a correção dessa hipótese se tivesse patenteado, eu teria ido embora, para construir em outra parte, uma vez que nunca fui dado à conquista nem afeito ao ataque. Sem dúvida, porém, eu era moço e ainda não tinha uma construção, podia então ser frio e calmo. Também o curso posterior da coisa não me trouxe nenhuma apreensão especial; só interpretá-la é que não era fácil. Se aquele que estava cavando realmente se dirigia a mim porque tinha me ouvido cavar; se tomava outro rumo — como efetivamente aconteceu —, então não era possível determinar se ele tinha feito isso porque eu o havia deixado, com a minha pausa, sem nenhum ponto de referência no seu caminho, ou se ele mesmo mudara de plano. Mas talvez eu tivesse me enganado e, na

verdade, ele nunca se orientara contra mim; de qualquer forma, o ruído aumentou ainda por algum tempo, parecendo que se aproximava; jovem como eu era, talvez não estivesse em absoluto descontente com a idéia de ver o bicho escavador emergir de repente da terra; mas não aconteceu nada semelhante, a partir de determinado ponto o fragor da perfuração começou a enfraquecer, ficou cada vez menor, como se o animal se desviasse gradativamente da direção original, e de súbito desapareceu, como se ele tivesse decidido ir por uma direção totalmente oposta e marchado em linha reta para longe de mim. Ainda fiquei escutando longamente no silêncio, antes de começar a trabalhar de novo. Essa advertência foi clara demais, mas eu a esqueci logo e ela quase não teve influência sobre os meus projetos de construção.

Minha maturidade vai daquele dia ao dia de hoje; no entanto, não é como se nesse intervalo não tivesse existido nada? Ainda faço uma longa pausa no trabalho e fico escutando na parede: o bicho mudou de intenção há pouco, deu meia-volta, está regressando da viagem, acredita que me concedeu tempo suficiente para que eu nesse ínterim me preparasse para recebê-lo. Do meu lado, porém, tudo está menos preparado que antes, a grande construção está aí indefesa, não sou mais um pequeno aprendiz, mas um velho mestre-de-obras, e todas as forças malogram, quando chega a hora da decisão; por mais velho que eu seja, entretanto, parece que gostaria de ser mais velho ainda do que sou — tão velho que não pudesse mais me levantar do meu lugar de descanso embaixo do musgo. Pois na realidade não agüento mais ficar aqui, ergo-me e disparo para dentro de casa, como se neste local eu tivesse encontrado novas inquietações ao invés de sossego. Como estavam as coisas aqui, ultimamente? O zumbido tinha enfraquecido? Não, tornara-se mais forte. Escuto em dez pontos escolhidos ao acaso e percebo nitidamente o engano: o zumbido continua o mesmo, nada se alterou. Lá embaixo da cobertura de musgo não acontecem modificações, lá se está sossegado e acima do tempo, mas aqui cada instante que passa sacode quem ouve. E faço outra vez o comprido caminho de volta à praça do castelo, tudo em roda parece agitado, tudo parece olhar para mim, depois desviar o olhar para não me incomodar, esforçando-se mais uma vez para ler nas expressões da minha cara as decisões salvadoras. Balanço a cabeça, não disponho de nenhuma solução. Também não vou à praça do castelo

para lá executar algum projeto. Passo pelo lugar onde quis instalar um fosso experimental, examino-o de novo, teria sido um ponto perfeito, o túnel teria ido na direção em que se encontra a maior parte dos pequenos condutores de ar, capazes de aliviar muito o meu trabalho, talvez eu não precisasse cavar muito longe até a origem do ruído, talvez tivesse bastado a escuta nos condutores. Mas nenhuma ponderação é suficientemente forte para me estimular à tarefa de escavar. Será que este fosso vai me trazer certeza? Cheguei a um ponto em que não quero absolutamente ter certeza. Na praça do castelo escolho um belo pedaço de carne vermelha sem pele e me escondo com ele debaixo de um dos montes de terra; de qualquer maneira, ali há silêncio, na medida em que ainda existe silêncio neste lugar. Lambo e mordisco a carne, penso alternadamente, ora no animal estranho, que ao longe percorre o seu caminho, ora no fato de que deveria fruir o mais profusamente possível os meus víveres, enquanto ainda tenho a possibilidade de fazê-lo. Este é provavelmente o único plano realizável que possuo. De resto, procuro decifrar os desígnios do animal. Ele está migrando ou trabalhando na própria construção? Se estiver no curso de uma migração, então será possível um entendimento com ele. Se rompe caminho na minha direção, dou-lhe um pouco das minhas provisões e ele segue viagem. Muito bem, é o que ele faz. Naturalmente, no meu monte de terra posso sonhar tudo, inclusive com um acordo, embora eu saiba perfeitamente que algo assim não acontece e que, no momento em que avistarmos um ao outro, mais: no momento em que nos pressentirmos um perto do outro, nenhum deles antes, nenhum depois, com uma fome nova e diferente, mesmo que estejamos completamente saciados, mostraremos, sem sentir, nossas garras e nossos dentes um para o outro. E como sempre, também aqui com inteira justiça; pois quem não mudaria seus projetos de viagem e de futuro à vista da construção, ainda que estivesse migrando? Talvez, porém, o animal cave na sua própria construção, nesse caso não posso nem sonhar com um entendimento. Mesmo que ele fosse um bicho tão peculiar que sua construção suportasse uma vizinhança, a minha não suporta — pelo menos não uma que seja audível. Sem dúvida, o animal parece muito distante, se recuasse um pouco mais o fragor também desapareceria, talvez então tudo pudesse ficar bom como nos velhos tempos: seria uma experiência má, mas benéfica, e me animaria às mais variadas

reformas; quando tenho calma e o perigo não me pressiona de modo imediato, ainda sou capaz de muito trabalho considerável; talvez o animal renuncie — em vista das gigantescas possibilidades que, a julgar por sua energia, parece ter — à ampliação de sua construção no sentido da minha e compense isso de um outro lado. Evidentemente, uma coisa dessas não se alcança através de negociações, mas tão-somente pelo próprio siso do animal ou pela coação que fosse exercida por mim. Em ambos os sentidos, será decisivo se — e o que — o animal sabe a meu respeito. Quanto mais medito sobre isso, tanto mais improvável me parece que ele tenha alguma vez me ouvido; é possível, apesar de inimaginável, que disponha de algumas informações sobre mim, mas de resto ele nunca me escutou. Enquanto eu não tinha conhecimento dele, ele não seria capaz de me ouvir, pois o meu comportamento então era silencioso: não há nada mais quieto do que o reencontro com a construção; depois, quando fiz as escavações experimentais, ele poderia ter me escutado, embora minha maneira de cavar produza pouco rumor; se ele, porém, me ouviu, eu deveria ter notado alguma coisa — o animal precisaria, pelo menos enquanto trabalhava, parar de vez em quando e prestar atenção. Mas tudo continuou inalterado.

POSFÁCIO

HISTÓRIAS DE UM MESTRE NO FIM DA VIDA

Modesto Carone

Os quatro contos e a novela que compõem este volume foram escritos por Franz Kafka entre 1922 e 1924. Tanto do ponto de vista histórico e pessoal como temático, as cinco histórias pertencem à fase final do escritor e, cada uma à sua maneira, representam pontos altos do estilo de narrar kafkiano.

A coletânea *Um artista da fome* foi publicada em Berlim pela editora A Forja em 1924 e consta de quatro contos: “Primeira dor”, de 1922, “Uma mulher pequena”, de 1923, “Um artista da fome”, também de 1922, e “Josefina, a cantora, ou O povo dos camundongos”, de 1924.

A seqüência das peças foi cuidadosamente calculada, como era hábito do autor em relação aos livros que publicou em vida. (Publicou apenas sete, ou seja, um sexto do que produziu.) O volume, que era magro mas poderoso, abre com o conto mais curto (“Primeira dor”) e termina com o mais longo (“Josefina”). A forma do conjunto é fechada, uma vez que no plano do conteúdo os textos tematizam personagens-artistas, com exceção de “Uma mulher pequena”, que funciona como intervalo entre as peripécias do trapezista e do artista faquir. Segundo um especialista, essa interrupção é intencional, pois Kafka não queria que os dois artistas se tocassem no corpo do livro. Sendo assim, o primeiro e o terceiro contos são narrados em terceira pessoa, ao passo que o segundo e o quarto conservam a perspectiva crítica de um narrador de primeira pessoa (no singular e no plural) que observa ou reflete sobre as figuras-título femininas (a “mulherzinha” e a “camundonga”). Além disso o motivo da infelicidade, que caracteriza a história do artista do trapézio, é retomado no tema da insatisfação da “mulher pequena”, do mesmo modo que o desenlace de “Um artista da fome”, marcado pela presença de um animal (a pantera), reaparece como a aventura de um bicho no conto que fecha a coletânea (“Josefina, a cantora”). Um passo à frente, as duas figuras-título são naturezas de exceção: o artista da fome, na medida em que não encontra o alimento (espiritual) a que

aspira, e a camundonga, porque é a única que pode, ou deseja, dominar a arte do canto. Cabe acrescentar que todos esses contos foram concebidos ou elaborados quando o escritor estava morando em Berlim, entre o fim de 1923 e o início de 1924. Nessa época a tuberculose que devia matá-lo já alcançava a laringe e o nacional-socialismo mostrava as garras, o que sem dúvida repercutia, seja em “Um artista da fome”, que transfigura a impossibilidade física que Kafka tinha para engolir, seja no conto da “mulherzinha”, cujo ódio ao narrador é tão implacável e destrutivo como o rancor sem limites dos nazistas aos judeus. Nesse contexto, não é excesso de imaginação achar que as ansiedades do povo dos camundongos espelhem as angústias do escritor nos tempos sombrios da ascensão do nazismo.

As circunstâncias que cercam a novela “A construção” são muito semelhantes. Para começar, o intuito de Kafka era transformá-la no fecho da coletânea de contos. Isso não foi possível, ao que parece, porque ele estava com dificuldades para terminá-la. Além disso, como as outras peças, o escritor a iniciou em Berlim. A diferença é que não a levou consigo para o sanatório de Kierling, perto de Viena, onde — já no leito de morte — fez a revisão final de “Um artista da fome”. O texto de “A construção” ficou na capital alemã com a última mulher de Kafka, Dora Diamant. Segundo ela, Kafka escreveu a novela numa única noite, no inverno de 1923. Tudo indica que Dora se enganou, porque considerou como o todo apenas uma parte de “A construção”. Mas é verdade que os nazistas chegaram a confiscar o texto numa de suas batidas policiais no antigo apartamento do escritor e de sua amiga.

Ao largo dessas peripécias, que definem uma época de horror, “A construção” é a grande ficção autobiográfica de Kafka na sua fase terminal. Ela oferece uma imagem insuperável do modo de existência do escritor, perseguido por dentro pela tuberculose e por fora pelo fascismo alemão. É por isso que o personagem se enterra num buraco e vive, no submundo, a ilusão momentânea de um abrigo, no qual vem a descobrir que não tem um lar que o proteja de um inimigo que, ao atingi-lo no fundo da terra, vai travar com ele uma luta de extermínio. É mais que legítimo considerar essa novela como testamento literário de Kafka e de sua geração, embora o seu canto de cisne tenha saído pelos lábios de Josefina, a camundonga.

Quanto à tradução, é preciso dizer que ela procurou a fidelidade possível

não só à letra, mas também à sintaxe peculiar de Kafka. Nesse sentido a frase em português tenta acompanhar de perto tanto a precisão vocabular como a curva estilística do autor, marcada pela batida protocolar e repetitiva que constrói o seu labirinto. Evidentemente isso implica pôr de lado qualquer veleidade de amaciar o texto com o propósito comercial de torná-lo digestivo e edulcorado. Pois é sabido que a *forma-conteúdo* desse escritor tem a flama e o senso de aventura de uma linguagem original e inovadora que, justamente por não dar bandeira, é visceralmente de vanguarda.

A tradução de “A construção”, estimulada por Roberto Schwarz, foi o ponto de partida das atuais versões de Kafka, sendo publicada pela primeira vez na revista *Novos Estudos Cebrap* de julho de 1984. A revisão geral dos textos deste livro contou com a colaboração de Lygia Maria de França Pereira.

SOBRE O AUTOR

Franz Kafka nasceu em 3 de julho de 1883 na cidade de Praga, Boêmia (hoje República Tcheca), então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Era o filho mais velho de Hermann Kafka, comerciante judeu, e de sua esposa Julie, nascida Löwy. Fez os seus estudos naquela capital, primeiro no ginásio alemão, mais tarde na velha Universidade, onde se formou em direito em 1906. Trabalhou como advogado, a princípio na companhia particular Assicurazioni Generali e depois no semi-estatal Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho. Duas vezes noivo da mesma mulher, Felice Bauer, não se casou — nem com ela, nem com outras mulheres que marcaram a sua vida, como Milena Jesenská, Julie Wohryzek e Dora Diamant. Em 1917, aos 34 anos de idade, sofreu a primeira hemoptise de uma tuberculose que iria matá-lo sete anos mais tarde. Alternando temporadas em sanatórios com o trabalho burocrático, nunca deixou de escrever (“Tudo o que não é literatura me aborrece”), embora tenha publicado pouco e, já no fim da vida, pedido ao amigo Max Brod que queimasse os seus escritos — no que evidentemente não foi atendido. Viveu praticamente a vida inteira em Praga, exceção feita ao período final (novembro de 1923 a março de 1924), passado em Berlim, onde ficou longe da presença esmagadora do pai, que não reconhecia a legitimidade da sua carreira de escritor. A maior parte de sua obra — contos, novelas, romances, cartas e diários, todos escritos em alemão — foi publicada postumamente. Falecido no sanatório de Kierling, perto de Viena, Áustria, no dia 3 de junho de 1924, um mês antes de completar 41 anos de idade, Franz Kafka está enterrado no cemitério judaico de Praga. Quase desconhecido em vida, o autor de *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose* e outras obras-primas da prosa universal é considerado hoje — ao lado de Proust e Joyce — um dos maiores escritores do século.

M.C.

SOBRE O TRADUTOR

Modesto Carone é escritor, ensaísta e professor de literatura, tendo lecionado nas universidades de Viena, São Paulo e Campinas. Suas traduções de Kafka, a partir do original alemão, foram iniciadas em 1983 e já cobrem dez títulos: *Um artista da fome*, *A construção*, *A metamorfose*, *O veredicto*, *Na colônia penal*, *Carta ao pai*, *O processo* (Prêmio Jabuti de Tradução de 1989), *Um médico rural*, *Contemplação* e *O fogueira*. Devem seguir-se *O castelo*, *Narrativas do espólio* e *O desaparecido*, que completam a obra de ficção do escritor tcheco.

Copyright tradução, posfácio e notas © 1984, 1998
by Modesto Carone

Título original:
Ein Hungerkünstler Der Bau

Capa:
Hélio de Almeida
sobre desenho de
Amilcar de Castro

Revisão:
Ana Paula Castellani
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-8086-394-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 -- São Paulo -- SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Table of Contents

Rosto	2
Índice	3
Um artista da fome	4
Primeira dor	5
Uma mulher pequena	8
Um artista da fome	15
Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos	24
A construção	40
Posfácio	72
Histórias de um mestre no fim da vida	73
Sobre o autor	76
Sobre o tradutor	76
Créditos	77